

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Linha de Pesquisa Poética de processos híbridos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito para a obtenção de grau de Mestre em Artes Visuais.

Poéticas ecosóficas hiperconectadas: cosmotécnicas para um futuro que integre o humano

Thaís dos Santos Leite

**Porto Alegre - RS
2021**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Poéticas ecosóficas hiperconectadas:
cosmotécnicas para um futuro que integre o humano

Porto Alegre, Outubro de 2021

CIP - Catalogação na Publicação

Leite, Thais dos Santos
Poéticas ecosóficas hiperconectadas: cosmotécnicas
para um futuro que integre o humano / Thais dos Santos
Leite. -- 2021.
94 f.
Orientador: Alberto Marinho Ribas Semeler.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2021.

1. Ecosofia. 2. Hiperconectividade. 3.
Cosmotécnicas. 4. Arte e Novas Mídias. I. Semeler,
Alberto Marinho Ribas, orient. II. Título.

Thaís dos Santos Leite

Poéticas ecosóficadas hiperconectadas: cosmotécnicas para um futuro que integre o humano

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado do Programa de Pós-Graduação
em Artes Visuais, Linha de Pesquisa
Poéticas de processos híbridos, da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS), como requisito para a obtenção de
grau de Mestre em Artes Visuais.

Orientador: Professor Dr. Alberto Marinho Ribas Semeler (PPGAV | UFRGS)

Banca examinadora:

Professora Dr^a Daniele Noal Gai (FACED | UFRGS)

Professora Dr^a Cristina Thorstenberg Ribas (pós-doc | PNPD | CAPES)

Professora Dr^a Elaine Athayde Alves Tedesco (PPGAV | UFRGS)

Professora Dr^a Claudia Vicari Zanatta (PPGAV | UFRGS)

Porto Alegre, Outubro de 2021

Resumo:

O projeto de pesquisa que deu origem à dissertação “Poéticas ecosóficas hiperconectadas: cosmotécnicas para um futuro que integre o humano” parte de experiências artísticas autorais recentes que problematizam profundas crises ecológicas: ambientais, sociais e subjetivas, além do trabalho como arte-educadora no âmbito da educação básica regular. Nesse percurso, tanto o processo, quanto a interação e o compartilhamento da produção de imagens são mediadas por dispositivos digitais e redes que operam relações micropolíticas. A partir dessa prática, aprofundo a reflexão ético-estética articulando conceitos das teorias das novas mídias, filosofia da diferença e obras de alguns artistas emblemáticos na arte contemporânea.

Palavras-chave: Ecosofia. Hiperconectividade. Cosmotécnicas. Arte e Novas Mídias

Abstract:

The research project that gave rise to the dissertation “Hyperconnected ecosophical poetics: cosmotechnics for a future that integrates the human” is based on recent authorial artistic experiences that problematize deep ecological crises: environmental, social and subjective, as well as work such as art-educator in the scope of regular basic education. Along this path, both the process and the interaction and sharing of image production are mediated by digital devices and networks that operate micropolitical relationships. From this practice, I deepen the ethical-aesthetic reflection, articulating concepts from the theories of new media, philosophy of difference and works by some emblematic artists in contemporary art.

Keywords: Ecosophy. Hyperconnectivity. Cosmotechnics. Art and new media.





Lista de imagens:

Figura 1: Exposição: *Sobre do grupo n.a.i.p.e - Convite de Performance - Fundação Ecarta*, 2009 / p. 27

Figura 2: Registros da intervenção urbana *Inundação*, Chicamatafumba, 2010. Fotografia: Janete Nedel / p. 29

Figura 3: Registro da Performance *Cruzeiro do Sul*. Paulo Nazareth, 2010. Arquivo da autora e do Plataforma Performance/ p. 31

Figura 4: Oendu Mendonça fotografando sua avó na captura da mesma, em frente à sua casa no município de Alegrete. Fotografia analógica digitalizada, 35mm, 2018/ p. 33

Figura 5: Corpo performático e cartografia do trajeto a ser percorrido na performance *Retomada Ancestral*. Imagens de dispositivo *smart* e desenho digitalizado. Arquivo da autora. Julho de 2021/ p.38

Figura 6: Imagens de dispositivo *smart*. Registros de percurso na Rota do Sol durante a performance *Retomada Ancestral*. Arquivo da autora. Julho de 2021/ p. 40

Figura 7: *Terno de feltro* de Beuys, de 1970 - Nova Pinacoteca, em Munique, na exposição *Ich bin ein Sender. Multiples von Joseph Beuys*” (Sou um transmissor. Múltiplos de Joseph Beuys), 2014/ p. 42

Figura 8: Cena do filme *Espaço Além – Marina Abramović e o Brasil*. Maio de 2014/ p.43

Figura 9: Captura de tela da web arte *México Líquido*, 2003/ p. 46

Figura 10: Captura de tela da página virtual da performance *Retomada Ancestral*. Arquivo da artista, 2021/ p. 48

Figura 11: Ação *Brechó* junto ao CPERS - Sindicato dos Professores e funcionários de escola do Rio Grande do Sul na Praça Central (Dante Alighieri) de Caxias do Sul. Arquivo da autora. Janeiro, 2020/ p. 58

Figura 12: Captura de tela do blog *Mostra artística Escola Victório Webber*, 2020/ p. 61

Figura13: Captura de tela *Vigília 8 de Março - Em memória à vítimas de feminicídio*. Organização: Claudia Zanatta. Março, 2011/ p. 63

Figura 14: Captura de tela da vídeo performance *FDTD*. Vídeo performance 5'56". 2012/ p. 65

Figura 15: Gwyrá, smartografia digitalizada, 2021/ p. 81.

Figura 16: Tatá, smartografia digitalizada, 2021/ p. 82.

Figura 17: Tekoá, smartografia digitalizada, 2021/ p. 83.

Figura 18: Ykaraí, smartografia digitalizada, 2021/ p. 84.



Sumário

Introdução	15
Cap. 1 – Campo dos Bugres e nomadismos – o território “sendo” ressignificado.....	25
1.1. Percursos performáticos diante do paradigma colonial.....	26
1.2. Retomada Ancestral - o que pode um corpo.....	36
1.3. O tempo das intensidades na hiperconectividade.....	44
Cap. 2 – Tecelãs de redes – insurgências comunitárias.....	51
2.1. Devires Plurais.....	56
Cap. 3 – Presente e Futuros possíveis com a tecnodiversidade.....	70
3.1. Do silêncio à palavra: desdobramentos cosmotécnicos.....	76
Considerações finais.....	85
Referências Bibliográficas.....	88

Introdução:

Minha geração, imersa em um espaço-tempo permeado pelas redes digitais, vivenciou a internet transformando as ferramentas de pesquisa, compartilhamento e comunicação, principalmente a partir da década de 1990, numa sociedade mediada por telas, teclados, câmeras, aparelhos móveis, e todo o tipo de objeto tecnológico *smart* (TVs, celulares, relógios entre outros). Aos poucos, do ato de pressionar botões, passamos a pressionar telas com interfaces *touch screen* e assim também as relações interpessoais e grupais passaram cada vez mais a serem mediadas por dispositivos tecnológicos digitais, ou seja, vivemos a experiência de uma realidade hiperconectada e ao mesmo tempo dispersa diante do excesso de informações. O filósofo italiano Luciano Floridi, que organizou o *Manifesto onlife* (2013), publicação que contou com uma equipe de estudiosos da comunicação e novas mídias, ressalta que a percepção e a compreensão da realidade que nos rodeia são necessariamente mediadas por conceitos, através dos quais experimentamos interagir com o mundo e produzir significados. Quando essa realidade muda de forma muito rápida e dramática, precisamos rever a caixa de ferramentas conceituais e nos propor a uma meta construtiva dessa nova realidade. O próprio título da obra sugere que não faz mais sentido nos imaginarmos *off-line*, pois mesmo quando optamos não acessar dispositivos, temos nossas realidades afetadas pelos desdobramentos das redes virtuais. Tendo em vista o uso consciente dessas novas formas de interagir com o mundo, proponho ações artísticas que integrem e problematizem as tecnologias digitais .

A partir de uma perspectiva latino-americana com formação cultural híbrida entre

origens européias, pré-colombianas e africanas, vivencio um território de confluências de inúmeras cosmologias que, aos poucos, vêm questionando as hegemônicas narrativas coloniais. No livro *Tecnodiversidade* (2020) recém lançado no Brasil, Yuk Hui, engenheiro e filósofo chinês formado em Hong Kong, Inglaterra, Alemanha e França, explica que, ao longo da história, é possível verificar como diferentes cosmologias criam diferentes tecnologias, por exemplo, há tecnologias amazônicas, maias, hindus, chinesas. Nessa obra, Yuk sugere reivindicar, contra a concepção linear e única de progresso típica do eurocentrismo, um mundo em que muitas cosmotécnicas sejam possíveis:

em vez de aceitar a universalidade da tecnologia e lhe conferir este progresso histórico, é necessário reabrir a pergunta da tecnologia, pensar sobre o que chamo de “múltiplas cosmotécnicas”. A ideia de fim da história é um pouco teológica. De onde vem a multiplicidade? Existe diversidade de tecnologias? É um tema que não vem do nada, nem de nossa própria imaginação. (HUI, 2020¹)

Além de renomados filósofos, os contextos digitais e virtuais têm possibilitado alcançar sabedorias de alguns povos tradicionais brasileiros que assumem o protagonismo de narrar suas perspectivas cosmológicas a respeito da humanidade. Introduzido ao mundo acadêmico pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, o líder indígena Ailton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2018), explica que as civilizações ameríndias já sofrem uma espécie de “fim do mundo” desde o período da invasão dos europeus

¹ Entrevista disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603881-uma-nova-compreensao-da-tecnologia-poderia-ter-um-efeito-transformador-entrevista-com-yuk-hui>

ao território em 1500, instituindo práticas violentas de dominação física e cultural dos povos nativos. Com o passar dos séculos, o pensamento cartesiano da modernidade intensificou a separação desses povos das florestas, transformando-os em mão de obra barata nos grandes centros urbanos. Desde o início do século XX, a Revolução Industrial vem provocando profundas mudanças na sensibilidade humana, tal como a aceleração do ritmo da vida, grande parte em função dos artefatos tecnológicos e mudanças nas relações de trabalho. Nesses novos contextos, apartados dos meios tradicionais de subsistência, as populações nativas necessitam cada vez mais de “produtos do mercado” para sobreviverem nesses ambientes modernos.

Para alguns povos que mantêm vivas suas culturas originárias no Brasil, distintas espécies vegetais, animais, minerais, montanhas e rios são considerados como “pessoas da família”, seres dotados de espírito, em uma perspectiva de unidade e horizontalidade entre entes da natureza. Em contraste, para a ótica capitalista hegemônica, essas entidades são classificadas apenas como meros recursos naturais para atender aos desejos de consumo e rapidamente são transformados em acúmulo de resíduos no ar, na água e no solo. Além dos perceptíveis danos ambientais, Ailton Krenak explica que há uma perda de sentido de existência, uma crise comunitária, em que se torna corriqueiro não reconhecer e não cooperar para a propagação da vida humana, que necessita das outras formas de vida na Terra para sua sobrevivência, daí a ocorrência do Antropoceno. Sendo o Antropoceno um conceito proposto, pela primeira vez, pelo químico holandês Paul Crutzen, em 1995, que caracteriza a era geológica em que a humanidade tem causado impacto global

no clima da Terra e no funcionamento dos seus ecossistemas, tendendo ao desaparecimento da própria espécie¹. Como o próprio título do livro *Idéias para adiar o fim do mundo* sugere, Krenak, seguindo a tradição do seu povo originário, propõe a instituição do sonho como um exercício para buscar orientações para novas escolhas, a desestabilização de padrões de existência e práticas cotidianas que reconectem as subjetividades na prática comunitária. Em sentido convergente, o filósofo e psicanalista Felix Guattari, em *As Três Ecologias* (1990), critica a abordagem unicamente tecnocrática das ciências modernas a respeito dos perigos que ameaçam o meio ambiente e a sociedade como um todo e defende uma articulação ético-política, a qual denomina ecosofia, entre os três registros ecológicos: meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana para esclarecer convenientemente tais questões.

Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana enquanto a reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc. - trata-se de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. (GUATTARI, 1990, p. 15).

Ainda em *As três ecologias*, Guattari critica a perspectiva psicanalítica do inconsciente, caracterizando-o como pouco capaz de se engajar em novas articulações projetadas

¹ Dados do portal Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz <<https://cee.fiocruz.br/?q=node/1106>>

para um futuro possível. Em contrapartida, ele propõe uma tensão existencial entre temporalidades humanas e não humanas, em um desdobramento de devires animais, vegetais, cósmicos, assim como de devires maquínicos, correlativos da aceleração das revoluções tecnológicas e informáticas desdobradas nas dimensões institucionais e sociais, criando novas tramas nas redes de relações entre elas.

Tais reflexões me instigaram a investigar sobre a história vinculada à minha ancestralidade no território em que nasci: hoje a cidade de Caxias do Sul. Desde a minha infância, ouço repetidas vezes veiculado na mídia hegemônica que a história da cidade teve início com a chegada e ocupação, por parte dos imigrantes italianos. No entanto, conforme histórias de meus antepassados e registros oficiais, este local era conhecido como Campo dos Bugres, habitado remotamente por índios Kaingangues nômades, sendo a partir do século XVII, atravessado por missionários jesuítas, que sem sucesso, tentaram fundar reduções. No dicionário o termo bugre é definido como um nome depreciativo usado pelos europeus para se referirem aos indígenas brasileiros, por considerarem como selvagens, rudes, incivilizados e hereges. Historiadores locais registram que no século XIX os índios Kaingangues que ocupavam as áreas montanhosas da Região Sul do Brasil foram dizimados violentamente por ação de matadores de indígenas chamados de “bugreiros”. Estes haviam sido contratados pelo Estado Brasileiro para abrir espaço para a instalação de imigrantes europeus na região. Quanto mais cruéis em seus ataques, mais condecorações recebiam.

Meus avós maternos e paternos visivelmente apresentam ancestralidades africanas e indígenas e mantêm algumas das práticas dessas culturas em sus cotidianos, ainda

que vistos com estranhamento pela vizinhança de origem européia. Tanto as experiências vivenciadas, quanto a busca por retomar uma lacuna apagada pela modernidade me motivaram a uma proposição artística que consiste em: 1. Retomada do território a partir de uma cartografia atual de percursos ancestrais 2. Apropriação simbólica, através de uma caminhada performática 3. Compartilhamento de registros a partir de uma página na *web*.

Nesse sentido proponho práticas artísticas heterotópicas, sendo a heterotopia (hetero, outro e topia, espaço) um conceito desenvolvido pelo filósofo Michel Foucault no texto *Outros espaços* (1967), que diz respeito aos espaços das alteridades, que são simultaneamente físicos e mentais, tal como o momento em que alguém se vê ao espelho. Para o autor, a heterotopia por excelência é o navio. “A maior reserva de imaginação do séc. XVI”. Portanto, a heterotopia descreve espaços que têm múltiplas camadas de significação ou de relações a outros lugares e cuja complexidade não pode ser vista imediatamente. Tal proposição será desenvolvida no primeiro capítulo dessa dissertação.

Com o intuito de aprofundar a dimensão das tecnologias para favorecer uma conscientização do papel das redes na prática ecosófica, recorri à obra *Novas mídias - Palavras-chave* (2008) de Nicholas Gane e David Beer. Os autores fazem uma síntese dos principais eventos e teorias no âmbito das novas mídias e afirmam que o conceito de rede começou a ser explorado em meados da década de 1990. Sendo Timothy John Berners-Lee, físico britânico, cientista da computação, o criador da *World Wide Web* (www) que implementou a primeira comunicação bem-sucedida entre um cliente *HTTP* e o servidor através da internet. Os autores afirmam que muitas vezes o termo técnico é utilizado

como um dispositivo retórico no campo social e cultural para relatar a forma como as relações são estabelecidas. Os autores partem da ideia de rede como uma infraestrutura cibernética que conecta computadores entre si com uma variedade de dispositivos externos e, assim, permite que os usuários se comuniquem e troquem informações.

Nicholas Gane e David Beer também apontam para algumas abordagens no paradigma das redes. Em uma delas Manuel Castells, autor de *A ascensão da sociedade em rede* (1996), considera as redes como estruturas sociais e declara que as mesmas podem funcionar como estruturas abertas, capazes de se expandir ao se integrar a novos nós, desde que partilhem códigos de comunicação. Castells sugere que os protocolos e os pontos de interface entre diferentes redes, sejam hoje, os locais estratégicos de controle e poder, pois há algum grau de privilégio sistêmico das grandes corporações embutido na maioria delas, seja através da concessão de determinados pontos de acesso de dados ou meios de comunicações que influenciam na demanda por fluxos de capital e consumo de produtos e bens imateriais informacionais.

Em contrapartida, a perspectiva de Bruno Latour na obra *Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-rede* (2008), encontra nos conceitos de Deleuze e Guattari a ideia do rizoma e formula uma concepção da rede como algo que está sempre se transformando através de conexões emergentes entre entidades diferentes. A importância do rizoma é que ele descreve um sistema caracterizado por conexões e não por fronteiras claramente definidas ou fechamento territorial. O que lhe interessa são as conexões ou associações que tornam possíveis as redes, juntamente com as maneiras em que as entidades são transformadas quando se associam. É relevante a marcação de diferentes tipos

de fluxo de crença e desejo: imitação é a propagação de um fluxo; oposição é binarização; invenção é uma conjugação ou conexão de diferentes fluxos (Deleuze e Guattari, 1987). Nesse sentido, um sistema em que os atores sejam ativos configura uma rede com múltiplos nós inventivos.

Observo nas teorias das configurações de rede, que grandes corporações, cada vez mais, assumem pontos privilegiados, por dominarem os meios e os protocolos de comunicação, no entanto, é possível vislumbrar imagens potentes de invenção de conectividade a partir da ideia de estruturas abertas como o rizoma; Aliás, o rizoma, conceito inicialmente trabalhado por Maturana e Varela, vincula-se ao contexto da biologia botânica por intermédio da noção de rede autopoietica, que extrapola o conceito filosófico. Seguindo essa linha de raciocínio, a professora e psicóloga brasileira Virgínea Kastrup, em *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição* (1999), afirma que as “redes informáticas nos fornecem um meio de mudar, fazendo a cognição diferir de si mesma e criar num mesmo movimento, novos territórios existenciais”.

Na condição e devir mulher, artista e professora, instigada pelos conceitos de rede de criação autopoietica, desenvolvo reflexões sobre diferentes vivências artísticas que tratam sobre questões de gênero, classe e raça, desde o âmbito doméstico até espaços de participação na vida comunitária. Pequenas ações desdobram-se em uma teia micropolítica que extrapola as relações entre humanos, com intuito de aprofundar a percepção de alteridades. Tomo como referência teórica, escritos de Suely Rolnik, escritora, psicanalista, curadora, crítica de arte e professora universitária, que manteve contato com conceitos

da filosofia da diferença no período em que viveu exilada na França entre 1970 e 1979, perseguida pelo regime militar brasileiro. Ela caracteriza o conceito de micropolítica como uma prática orientada pela ética e atenta àquilo que impede a afirmação da vida, sua preservação e sua expansão. Em suas palavras “agir vai além de reagir por oposição, principalmente quando seu foco tende a reduzir-se à conquista e à conservação do poder macropolítico, mas para detectar o intolerável e buscar formas de combatê-lo” (2016).

Entre muitos de seus seminários e livros publicados, ressalto uma de suas mais recentes produções, *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada* (2018), em que a autora deflagra o inconsciente colonial capitalístico no qual estamos imersos enquanto América Latina e descreve os ataques democráticos do capitalismo financeirizado ao continente, incluindo golpes de estado, assolando também o nosso país. Visualizo repercutir consequências desses ataques em meu cotidiano, pois concomitante à pesquisa em poéticas visuais, profissionalmente estou envolvida com arte-educação no âmbito do ensino fundamental e médio em uma escola pública estadual em Caxias do Sul e com esferas do serviço de saúde pública na região metropolitana de Porto Alegre, onde já atuei como arte-educadora residente em saúde mental coletiva. Essa atuação vêm sendo geradora de processos colaborativos que repercutiram reflexões importantes no processo de pesquisa. Além de cortes de recursos que comprometem o funcionamento dessas instituições, há em curso a propagação de discursos que desqualificam os servidores públicos, caracterizando uma prática neoliberal que visa às privatizações. É perceptível a emergência de resistir em um contexto em que alguns atores institucionais sentem-se à vontade em expor seus caracteres autoritários, em situações de opressão e rigidez hie-

rárquicas.

Para além dessas tensões, percebo um agravamento das crises ambientais e sociais com a ocorrência da pandemia do vírus COVID-19, que tem infectado milhares e já levou a óbito mais de seiscentas mil pessoas, apenas no Brasil. Avança no mundo uma percepção distópica, ou seja, uma atmosfera em que o pessimismo dá o tom das narrativas, apresentando um cenário sombrio e opressor. Ainda que a percepção distópica tenha o potencial de acionar um alerta para o caos instaurado, percebo a necessidade de vislumbrar utopias, ou mesmo sonhar, como bem pontua Krenak, como alternativa para não ceder ao medo diante do abismo ambiental, ao qual estamos em “queda-livre”.

No terceiro capítulo dessa dissertação, a partir da prática cosmotécnica instrumentalizada pelos códigos de comunicação, torno presente sabedorias importantes de um dos maiores povos guardiões das florestas: os Guaranis. Para tanto, proponho, uma vivência com a palavra-ação na língua nativa desse povo. Ao contrário do que aparentemente pode ser lido como uma tentativa de volta ao passado, tal vivência se dá em meio a nova realidade hiperconectada, chamando a atenção para um aprofundamento na percepção das alteridades. A prática se configura em uma autopoiese e em ações de negociação para uma nova aliança entre o orgânico e o digital, propondo uma revisão crítica de nossas narrativas atuais, nos níveis: individual, social, subjetivo e micropolítico.

Cap. 1 - Campo dos Bugres e nomadismos – o território “sendo” ressignificado

Nesse capítulo tratarei sobre as motivações e processo de trabalho que tem como proposta promover uma cartografia afetiva com os territórios que venho percorrendo em meus nomadismos. A proposta surgiu da inquietação sobre a história da cidade onde nasci, vivi durante boa parte da minha juventude e que agora retorno a residir e a interagir em novos grupos.

Em minha experiência de infância tive muita afinidade com minha avó materna, ainda viva, e com quem mantenho contato próximo atualmente. Minha avó era um pouco diferente das outras avós. Ela me ensinava a dançar, levava eu e minhas primas para acampar e experimentar uma maior conexão com a terra, contava muitas histórias, fazia benzimentos, conversava com as plantas, na maioria das vezes, era quem resolvia os problemas da família e ainda ajudava as pessoas que a procuravam, enfim, nossa matriarca. Cresci tendo ela como minha grande referência de vida. De certa forma esse universo em que ela nos envolveu era um pouco avesso ao de outras crianças com quem convivia na escola e até mesmo das referências midiáticas. No próprio site oficial da cidade há uma apresentação atual que descreve: “Hoje, Caxias do Sul é fruto da garra e da determinação herdadas dos imigrantes com a contribuição de outras culturas que foram abraçadas pelo povo, como a tradição gaúcha”¹. Nas histórias da minha família pelo contrário, não havia

¹ Disponível em <https://caxias.rs.gov.br/cidade>, aceso em Julho 2021.

a dinâmica cultural originada pelos imigrantes. Minha avó nos contava que éramos bugres¹, mas as referências a essa herança eram muito escassas nos meios oficiais. O que aprendíamos nos chegava de forma oral. Esses fatos me causavam certa inquietação e naquele momento talvez eu não identificasse muito bem, mas havia comigo uma grande necessidade de buscar novos horizontes, de vivenciar outros territórios. Em meu percurso nômade, carregos os cantos ancestrais que ouvia de minha avó.

1.1. Percursos performáticos diante do paradigma colonial

Durante quinze anos, vivi em Porto Alegre e experimentei novas “constelações” criativas, entre elas, O n.a.i.p.e. - núcleo de arte, intervenção e performance (2008-2010), constituído com estudantes da faculdade de artes visuais da UFRGS, com quem estudei biografias e obras de múltiplos artistas, coletivos e articulações com espaços públicos e instituições culturais. Mesmo havendo uma chamada aberta para os estudantes do instituto de artes da UFRGS foi curioso que apenas artistas mulheres se engajaram na proposta. Tal peculiaridade acabou por se refletir nas produções. De certa maneira as experimentações em coletivos de performance foram muito potentes, pois havia ali um

¹ A origem da palavra, no português brasileiro, vem do francês bougre que, de acordo com o Dicionário Houaiss, possui o primeiro registro no ano de 1172, significando “herético”. O termo em francês, por sua vez, vem do latim medieval (século VI) bulgàrus. Como membros da Igreja Ortodoxa Grega, os búlgaros foram considerados heréticos pelos católicos. Via Enciclopédia livre: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bugre>

Fig. 1: Exposição e performance:
Sobre do grupo n.a.i.p.e
convite
(Ana Tomimori, Thaís Leite, Lara Sosa,
Laura Bortolazza, Mariana Konrad
e Fernanda Beck)
Fundação Ecarta, 2009



campo de relações e experimentações de gestos em níveis bem intuitivos, que íamos colocando em prática e aos poucos, aprofundávamos em estudos, trazendo questões pessoais à consciência individual e em alguns momentos, partilhando-as com o grupo.

Em outras experimentações com o coletivo de intervenção urbana Chicamatafumba (2009-2011)¹, tomamos o espaço urbano da região metropolitana de Porto Alegre como laboratório colaborativo aberto à impermanência. Éramos quatro artistas, que mesmo não compartilhando do ambiente universitário, já havíamos construído percursos

¹ A Ana Tomimori, amiga e colega do n.a.i.p.e. me apresentou aos registros preformáticos da Cláudia Paim e aos seus documentos de pesquisa voltados para o estudo de processos coletivos de artistas em Porto Alegre e na América Latina. Quanto ao Leandro Machado, tive diversas aproximações com suas obras que se propagam por meios híbridos: desde a pintura, intervenções críticas quanto à presença afro em Porto Alegre, até a discotecagem, além de partilhas como espectadores em exposições. Suas trajetórias aproximavam-se de proposta que estávamos interessadas em aprofundar no âmbito da performance. Foi uma experiência bastante enriquecedora tanto como vivência pessoal, quanto compartilhamento criativo.

no mesmo. Em comum, sentíamos a necessidade em habitar com arte os espaços informais e compartilhar inquietações no cotidiano da cidade. Nós nos reuníamos anotando, discutindo, rabiscando até chegarmos a uma estratégia. Vou relatar uma de nossas experiências, que a meu ver, já evocava os recusos digitais na construção performática e poética.

A intervenção urbana *Inundação* (2010) foi concebida em uma de nossas casas, compartilhando também nosso espaço afetivo, tratamos de fazer uma captação sonora do “rio” (lago) Guaíba para levá-la a outros pontos da cidade. Em um segundo momento, encontramos-nos no centro histórico e embarcamos em um ônibus para a Zona Sul, um local em que o trânsito não se fizesse presente em seu som. Minutos de silêncio, olhares na paisagem horizontal, refúgio da verticalidade dos prédios. Nosso deslocamento se deu em horário tranquilo. Então apreciamos e percebemos nuances da paisagem sonora e optamos pela próxima estratégia: entrar nos ônibus urbanos portando dispositivos sonoros que reproduzissem o som captado do rio. Em certo momento, cada artista disparava em seu aparelho, discretamente, o som em diferentes pontos do transporte coletivo. Na situação da intervenção, nossa presença se fez, casualmente, em um dia chuvoso, assim ocupamos artisticamente os ônibus Cascatinha, Lomba do Pinheiro, Centro, Ipiranga...

Frações de trajetos do espaço compartilhado pelo público. Pouco a pouco à sensação de cascata que vinha de fora, somava-se uma presença de água que ia emergindo dos nossos aparelhos. Olhares buscavam a fonte, mas onde? No balanço, sentimos ressoar as ondas sonoras, aos poucos nos despedíamos de um ambiente e preparávamos

outro mergulho no ônibus seguinte. Findamos o dia molhados, afetados pelas ondulações e pelos encontros de olhares. Assim como estar em coletivo requer cuidado, constância, percepção... percebemo-nos minerais, vegetais, animais, moléculas que



Fig. 2: Inundação, Chicamatafumba, 2010.
(Ana Tomimori, Claudia Paim, Leandro Machado, Thaís Leite)
Registros da intervenção urbana Inundação. Fotografia: Janete Nedel.
Disponível em <http://chicamatafumba4.blogspot.com/>

ressoam regadas por afetos na flutuante espiral do tempo. Esse relato traz consigo a presença de aparelhos de captação sonora, fotografias e vídeos que foram utilizados no processo de documentação, como rastros ou pistas da existência de um encontro poético. Por mais que eles revelem indícios, apenas a permanência naquele espaço-tempo proporcionou as sensações da experiência. A performance em si, convida a romper com o automatismo do ir e vir habitual das cidades. Diferente da dramaturgia, não criamos personagens, nem um texto, mas elaboramos planos de ação. Em ambos os coletivos era presente o olhar do outro (desconhecido), assim como a ressignificação de nós mesmos no espaço compartilhado.

Além da vivência do corpo propositivo poético, ao colaborar com processos de outros artistas também me aproximei de experiências como testemunha e percebi inquietações com a herança colonial, para além do âmbito individual. Uma experiência marcante foi a participação no *Plataforma Performance* (Porto Alegre, 2010) um encontro que promoveu ações performáticas, debates, relatos de processos e oficinas com o objetivo de refletir e vivenciar a performance. O evento foi sediado na Galeria de Arte do DMAE entre os dias 13 e 16 de maio. Como fotógrafa de algumas ações performáticas, já no primeiro dia do evento, recepcionei o artista Paulo Nazareth (Governador Valadares, MG, 1977) no aeroporto. O artista chegou em processo de performance. Quando o vi, não pudemos dialogar, pois ele estava com um punhado de cabelos com característica afro ocupando a boca. Através de uma placa, solicitou que eu o acompanhasse rumo ao bairro periférico Cruzeiro do Sul, onde cumpriria uma promessa na igreja local. Além do percurso de ônibus, sem conhecer ao certo o destino, ainda percorremos um trecho do



Fig. 3: Registro da Performance Cruzeiro do Sul
Paulo Nazareth, 2010.

Arquivo da autora e do Plataforma Performance

Disponível em: <http://plataformaperformance.blogspot.com/>

caminho a pé. Posteriormente soube que o Paulo havia pesquisado sobre o território e lamentava pelos altos índices de mortalidade de pessoas negras em virtude da violência policial.

Presencialmente, as sensações que as ações performáticas causam em mim tomam uma proporção mais contagiante do que simplesmente observar os registros e os relatos. Creio que esse é um aspecto crucial da performance, pois tem o potencial de repercutir no corpo do expectador a experiência multissensorial, nem sempre racionalizadas de imediato. Ao compartilhar de momentos fora da galeria, observei que o artista dava continuidade

a algumas práticas artísticas no seu cotidiano habitual, desestabilizando a tênue linha entre arte e vida. Mais adiante, li que Paulo define suas obras como uma “arte de conduta”. O encontro com Paulo e a sua obra me fez observar, que mesmo incomodada com a herança colonial, eu mesma venho reproduzido esse modelo de forma inconsciente em diversas situações. Ao longo de tantas experiências, cotidianamente, tenho procurado transformar certos padrões. Hoje percebo um número crescente de pesquisadores e mídias independentes tensionando reflexões dos discursos “minoritários”. As estratégias desse paradigma estão cada vez mais claras, expondo as nuances de como o inconsciente colonial capitalista afeta grande parte da população e instituições.

Mais adiante, no ano de 2018, em que concluí o curso de licenciatura em artes visuais, tive a alegria de apreciar o trabalho de um(x) colega (autodeclaradx não binária) Oendu Mendonça, que estava finalizando o seu projeto de estágio. Atualmente x artista cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais/ FCS - Universidade Federal de Goiás (UFG), faz um resgate da presença Guarani na história de sua família, bisnetx de uma Guarani, Deolinda, cuja presença e cuja fala são evocadas, reconectando memórias ancestrais através da fotografia dos diferentes espaços em que circula e através da performance. Oendu estagiou na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Karaí Arandu, localizada na Tekoá Jataí'ty (Maquiné-RS), corporificando aulas de performance e trabalhando os estados de corporalidade Mbyas Guaranis.

Ao ler um de seus escritos, a artista cita autores como Nhandeva Almires Martins Machado, que em sua tese: *Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marãe'y* (2015) explica que a “retomada” é política de ação direta feita pelos Guaranis, e que por ela, é

possível realizar a reparação histórica das terras que a Constituição de 88 deveria lhes garantir, refletindo também, a política de terras no Brasil.

Segundo Richard Schechner (2012), “a caminhada é um processo a ser elaborado tal qual um ritual que também se configura como um ato político de retomada de terras ancestrais”. Esse ritual é manifestado através de sonhos, como um caminho a ser feito, coletivamente, para construção de um território em que é possível viver bem e praticar a forma de vida Guarani.



Fig. 4: Oendu Mendonça fotografando sua avó na captura da mesma, em frente à sua casa no município de Alegrete. Fotografia analógica digitalizada, 35mm, 2018.

As experiências com as obras desses artistas foram muito potentes para refletir sobre a necessidade da performance na resignificação dos espaços. Percebi barreiras inconscientes para ocupar artisticamente os espaços da cidade onde nasci e nesse sentido, a performance além de um ritual de retomada, é também um desafio às antigas crenças limitantes. Pois mesmo na fala de meus familiares há um sufocamento, quando reproduzem discursos do projeto de branqueamento, mesmo enquanto pessoas negras e indígenas. De certa maneira, essas impressões ficam gravadas em nossos corpos físicos e nos acostumamos a agir para sermos aceitos. No entanto, internamente, algo muito forte ainda pulsa, procura desvios da padronização. Felizmente pude dialogar sobre esses temores recorrentes em ocupar ativamente locais públicos, em um espaço de debate virtual no meio acadêmico: o *Poéticas no contágio (2021)*, promovido pelo PPGAV – UFRGS, uma série de conversas nas quais compartilhamos processos coletivos e grupais, bem como produção estética pensando o contágio como forma de relação, conexão e presença. Entre os coletivos que estiveram partilhando suas experiências destaco o *Contrafilé*, com a fala de Joana Musse e Cibele Lucena. Formado em São Paulo no ano 2000, o Grupo Contrafilé é um coletivo de arte-política-educação que cria possibilidades de praticar o direito à invenção de cidade. Dentre seus projetos, tive uma maior aproximação com o *A Batalha do Vivo (2016)* durante a produção do meu trabalho de conclusão de curso em licenciatura em Artes Visuais (2018). Este livro-dispositivo (ilustrado, desenhado, povoado, escrito, descrito, fotografado, ativo) foi produzido com a participação de estudantes secundaristas de São Paulo e convidados durante o levante

das ocupações nas escolas. O material apresenta uma composição crítica e criativa que coloca em debate temas como educação, aprendizagem, espaço, cidade, corpo e estar vivo, considerando os limites institucionais onde foi gerado.

Em uma de suas falas, as artistas ressaltaram que a herança da ditadura militar deixou uma marca profunda em nosso presente: um medo inconsciente de ocuparmos as ruas e nos manifestarmos. E, de fato, comecei a lembrar de histórias do meu avô materno, integrante do antigo Partido Comunista, que precisou se afastar por dois anos de Caxias do Sul, para se refugiar em Itajuba – MG, abrigado por um irmão. Ele sofreu perseguições militares durante a ditadura nessa cidade. Eu mesma testemunhei momentos de tensão dos meus jovens pais que, nos anos 80, sofreram ataques policiais, por se manifestarem politicamente em greves e manifestações em oposição ao governo da época. Enfim, nasci em 1985, ano em que oficialmente findou o período ditatorial, mas seus antecedentes e desdobramentos reverberam ainda hoje. Então caminhar com uma nova consciência, surge como uma maneira de me ressignificar nesse espaço.

É importante frisar que a presente proposta se dá em meio a um cenário político caótico que insiste na implementação do “marco temporal”, uma tese que desconsidera o histórico de violência a que foram submetidas as populações indígenas antes de 1988, estabelecendo que os territórios só podem ser demarcados se os povos indígenas conseguirem provar que estavam ocupando a área anteriormente ou na data exata da promulgação da Constituição Federal, de 1988, ou se ficar comprovado conflito pela posse da terra.

1.2. Retomada Ancestral - o que pode um corpo

Assim como o campo dos bugres, foi e continua sendo local de passagem para diferentes tribos indígenas nômades, repercuto essas andanças na proposição performática que denomino *Retomada Ancestral*. Nesse momento, diferente de outras propostas em que a performance aconteceu em grupos, realizei-a em solitude. Cetero, observo em meu processo, uma recorrente configuração de matilha, pois o diálogo coletivo me convoca a pensar e produzir questionamentos, além de proporcionar maior segurança para a ocupação artística. Ainda que eu siga reconfigurando novas redes profissionais e ativistas nas áreas em que atuo, as motivações pessoais dessa performance me impulsionaram a desenvolvê-la em meditação. Em diálogo com o público, ponderou-se que tal ação poderia ser denominada apenas como caminhada ou “peregrinação”, no entanto, assumi o uso da palavra performance como forma de ancorar a minha perspectiva artística articulada com a pesquisa que já venho desenvolvendo há pelo menos uma década.

Observo que caminhar é considerado por muitas pessoas como uma “perda de tempo”, por isso, evita-se essa prática no meio urbano. Para mim, caminhar é algo muito instintivo, e procuro cotidianamente fazer alguns trajetos para passear com minha companheira canina ou para me deslocar em compromissos diários de médias distâncias. Em diversos momentos da minha vida também senti a necessidade de percorrer distâncias maiores, com amigos ou sozinha. Para além de atender a demanda de chegar a algum lugar, me proporciona um estado de contemplação meditativa diante das

paisagens, ao observar minuciosos acontecimentos entre os passantes ou simplesmente sentir o ar vibrando ao redor.

Em um segundo momento, refleti sobre o trajeto a percorrer. Como a relação com os meus ancestrais foi um dos elementos disparadores para essa performance, percebi que deveria partir da casa dos meus avós maternos, mais precisamente do porão em alusão metafórica ao inconsciente que permeia tantas escolhas intuitivas. Passei grande parte da minha infância e da minha juventude na casa dos meus avós. Meu avô conta que seus familiares vieram do município Vacaria. Mesmo ele já tendo nascido nessa cidade, só foi habitar o atual endereço em 1940, aos dois anos de idade, antes moraram em casa alugada. Minha mãe e meus tios também viveram a infância ali. Vi a casa e a vizinhança se reconfigurarem várias vezes. Hoje ela é cerceada por condomínios verticais, localizada no centro urbano da cidade, absorvendo o pouco que restou da incidência dos raios solares.

Parti desse local em direção ao litoral norte, região onde atualmente meus avós residem. A ideia era seguir nessa direção, tendo como final do percurso, a casa de campo de uma das amigas mais antigas da minha avó, localizada no município de Apanhador. A escolha em parar nesse local se deu em virtude do reconhecimento por essa amiga ter acompanhado e partilhado muitos desafios na criação dos filhos e fortalecimentos das famílias, considero ambas como matriarcas. Ao total seriam 36Km, uma média de sete horas e meia de caminhada. Nesse percurso, além de algumas avenidas centrais, seguiria duas rodovias principais: a BR-116, e a Rota do Sol. Ao seguir em caminhada até o início da Rota do Sol, minha percepção estava aberta aos múltiplos estímulos visuais

criados no meio urbano: casas, pontos de referência comerciais, placas publicitárias, pixos e elementos orgânicos nativos adaptados à realidade do asfalto.

À medida que seguia a Rota do Sol, o fluxo de pessoas diminuía, os estímulos visuais “fabricados” e as edificações iam ficando para trás. Certamente os campos também sofreram com a ação humana, florestas foram desmatadas, para dar lugar às pastagens e plantações. Segui em caminhada na BR-116, pelo canteiro central e a partir da Rota do Sol, entre a estrada e os campos, em um estreito acostamento. Na Rota do Sol, a velocidade dos automóveis aumentava e as cargas transportadas aparentavam mais robustas. Aos poucos ia percebendo falhas no asfalto, caminhões de sobrecarga em altas velocidades desviando de buracos. O acostamento se apresentava como lugar arriscado. Encontrei também alguns cães, gatos e até um pássaro morto pelo caminho.

Desde a concepção dessa performance, havia me conscientizando dos riscos iminentes ao passo que pensava estratégias para lidar com as situações. Levei comigo água e um telemóvel *smart* para fazer registros, verificar localização e me comunicar. À medida que ia me afastando dos locais de maior movimento, ia atualizando minha localização à minha irmã. Combinei de encontrá-la após às treze horas para que também fizesse alguns registros da minha caminhada. O risco de ser abordada por “ser mulher em uma caminhada atípica” também poderia oferecer alguma complicação e para isso também contei com o apoio de comunicação com minha irmã, que poderia me encontrar rapidamente por estar alerta com o automóvel. Apesar dos riscos, estava confiante de que faria um percurso tranquilo. O Sol estava radiante em meio ao inverno. Ao longo do trajeto também encontrei alguns grupos de ciclistas, que a meu ver, tornavam a paisagem um pouco mais humanizada, se comparada à presença massiva dos veículos automotivos a altas



Fig. 6: Registros de percurso na Rota do Sol na performance Retomada Ancestral.
Imagens de dispositivo *smart*.
Arquivo da autora.
Julho de 2021

velocidades.

Aos poucos ia aproveitando o momento para contemplar as paisagens, desacelerar o pensamento e entrar em processo meditativo, sem tentar racionalizar cada passo, apenas seguir em um ritmo agradável. Quando me proponho a percorrer novas rotas, percebo um desafio instigante, surpresas e admirações com o que vêm. Além de contemplar fora, contemplo a mim mesma. Fiz alguns registros de pontos que instigaram a minha curiosidade, no entanto, procurei não fazer grandes pausas. Não cheguei a completar os 36 Km pretendidos, fiz 25 km e segui o restante do caminho de automóvel, com minha irmã, até a casa da amiga.

Não divulguei para muitas pessoas a respeito dessa ação, até mesmo em virtude do momento pandêmico pelo qual estamos passando, apenas para as pessoas com quem poderia contar com o apoio. Minha mãe e irmã demonstraram um certo estranhamento, mas já estão habituadas com o meu temperamento de tomar decisões e levá-las adiante. Hoje elas simplesmente acolhem as decisões e oferecem apoio. Parece simples, mas todas as experiências anteriores foram importantes para que entendessem o compromisso que existe em realizar uma performance artística.

Em minha camiseta escrevi palavras que se conectam ao propósito da ação: “ninguém pode capturar as almas do nosso povo” (frente), “já que elas não temem a morte” (verso). Conheci essa frase através da sabedoria do caminho sagrado associada a rituais xamânicos ameríndios. Concebi essa performance como um ritual e lembrei-me que mesmo artistas reconhecidos pelo circuito hegemônico das artes como Joseph Beuys

e Marina Abramovic, declaram inspirar-se em rituais xamânicos em seus processos artísticos performáticos. Mesmo antes de cursar Artes Visuais, sentia-me bastante instigada pela obra de Beuys: sua estética “perturbadora”, engajamento político e propositora de debate público. Particularmente, Beuys tem sua biografia imersa em mistérios que envolvem a sua relação com a segunda guerra mundial e resgatam concepções antroposóficas. Enquanto piloto, ainda jovem, caiu perto da aldeia de Známenka, na Crimeia Krasnogvardeyskiy Raio, a ponto de quase morrer congelado. Ele foi resgatado por nômades tártaros, que o envolveram em feltro e gordura animal, o que impediu sua morte. Esses materiais emblemáticos são recorrentes em diversos trabalhos do artista.



Fig. 7: *Terno de feltro de Beuys*, de 1970 - Nova Pinacoteca, em Munique, na exposição “Ich bin ein Sender. Multiples von Joseph Beuys” (Sou um transmissor. Múltiplos de Joseph Beuys), 2014.
Foto (detalhe): © picture alliance/dpa/Nicolas Armer

Com relação à obra de Marina Abramovic, reconheço que foi para mim e para colegas do coletivo n.a.i.p.e, uma das grandes referências provocadoras da pesquisa em performance, tanto pelo seu pioneirismo e perseverança em performance no circuito de arte como por suas proposições provocativas sobre o feminino. A artista esteve há poucos anos no Brasil para criar um filme: *Espaço além – Marina Abramovic e o Brasil (2016)*, um documentário, dirigido por Marco Del Fiol e produzido pela Casa Redonda, que mostra a jornada espiritual da artista em busca de “pessoas e locais de poder”. Marina e a equipe de filmagem percorreram mais de 6 mil quilômetros, entre 2012 e 2015, e encontraram pelo caminho xamãs, médiuns e guias espirituais que os levaram a participar de diversos rituais sagrados. O objetivo, segundo a artista, foi buscar inspiração para seu trabalho e, ao mesmo tempo, passar por um processo de cura num momento em que enfrentava problemas pessoais.



Fig. 8: Cena do filme Espaço Além
Marina Abramović e o Brasil
Maio de 2014

1.3. O tempo das intensidades da arte na hiperconectividade

Nesse sentido é como se a arte performática viesse na contramão da velocidade do desenvolvimentismo neoliberal, não no sentido de negar as tecnologias, mas de se aliar a elas para o compartilhamento das sensibilidades. Como propõe o proeminente geógrafo brasileiro Milton Santo (Bahia, 1926-2001) defensor do caráter social do espaço em seu texto *Elogio à lentidão*:

Não se trata de pregar o desconhecimento da modernidade - ou uma forma de regresso ao passado -, mas de encontrar as combinações que, segundo as circunstâncias próprias a cada povo, a cada região, a cada lugar, permitam a construção do bem-estar coletivo. É possível dispor da maior velocidade tecnicamente possível no momento e não utilizá-la. É possível fruir da modernidade nova, atual, sem ser obrigatoriamente o mais veloz. (SANTOS, 2001. p. 3)

Optei por organizar os registros dessa performance, tais como: imagens, escritos e uma cartografia afetiva disponibilizando-os em uma página da internet, como um dispositivo para diálogos em uma teia conectada em relações profissionais, acadêmicas e culturais. Portanto, as tecnologias estão amalgamadas em diferentes etapas da concepção, produção e compartilhamento com um público local e mais abrangente, tendo em vista a sua acessibilidade. Uma obra de *web arte* que inspirou essa forma de apresentação foi a *México Líquido* de Victor Martinez (2002) com a colaboração: Lorenz Phillipp e Enrique

Landgrave. Os artistas realizaram uma expedição ao redor da antiga cidade de Tenochtitlan por meio de um antigo mapa e buscaram perceber as modificações na paisagem ao passar do tempo, enfatizando principalmente as mudanças do rio que abastecia essa antiga cidade, hoje Cidade do México. No *site* há uma comparação do mapa antigo e da atualidade. Nele também é possível visualizar fotografias da viagem dos artistas com recursos da performances, objetos artísticos, fotografias e vídeo.

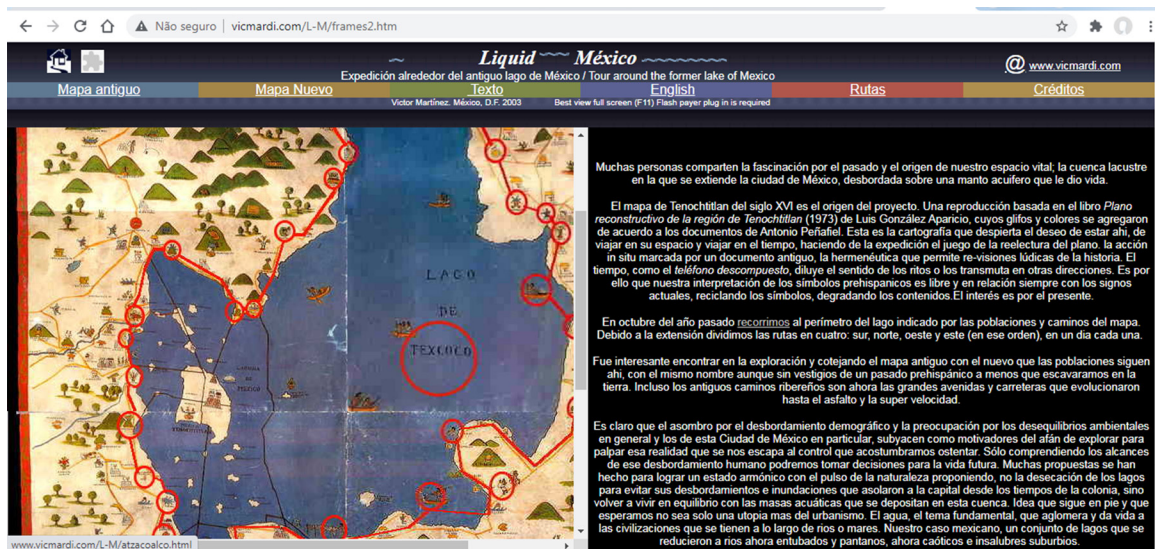


Fig. 9: Captura de tela da web arte obra México Líquido, 2003.
Disponível em: <http://www.vicmardi.com/L-M/frames4.htm>

Verifiquei que alguns *plug-ins*, ou seja, programas utilizados para adicionar funções ao site, provendo funcionalidades específicas, não estão mais ativos, por incompatibilidade com as mudanças do navegador. Esses *plug-ins* permitiam a visualização de pequenos vídeos relacionados aos ícones do mapa. Tais ferramentas proporcionam um ambiente de maior interatividade com o público, no entanto, pode ser um impeditivo ao acesso, já que nem todos os dispositivos possuem permissão para o uso ou exigem maior capacidade de dados de internet. Portanto, para a publicação dos registros dessa performance optei por algumas imagens: um mapa desenhado à mão, digitalizado e editado, imagens captadas por mim durante o percurso, imagens captadas pela minha irmã durante a ação e textos poéticos que abordam temas que motivaram a performance ou foram processados durante a mesma.


A atual pesquisa encontra-se em um momento político em que as ciências de um modo geral, principalmente as humanas e as artes têm sofrido com o corte de investimentos, além de profundo descaso governamental quanto ao acervo cultural e científico adquiridos até o momento. Entre esses e outros fatores optei por hospedar a página na modalidade de um *blog* “gratuito” vinculado à *Google*, uma empresa estadunidense multinacional de serviços *online* e *softwares*. Segundo o portal *Canaltech*¹, a empresa foi fundada por Larry Page e Sergey Brin (1998) e tem como missão “organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil”. Ela hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na internet e gera lucro, principalmente, por meio da publicidade.

¹ Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/google/#:~:text=O%20Google%20C3%A9%20uma%20empresa,meio%20da%20publicidade%20pelo%20AdWords>.

← → ↻ 🏠 retomadaancestral.blogspot.com 🔍 ☆ ⚙️ 🌐 ⋮


Retomada Ancestral _ Performance

Pesquisar este blog



Cartografia para uma retomada ancestral
em julho 30, 2021

0



ponto de partida sob o azul há flores

Visitador perfil

Arquivo

Denunciar abuso

Fig. 10: Captura de tela da página virtual da performance Retomada Ancestral Arquivo da artista, 2021. Disponível em <https://retomadaancestral.blogspot.com/>

É vertiginoso pensar na quantidade de dados pessoais e comerciais que estão sob a tutela da empresa *Google*. Alguns pesquisadores já evidenciaram o quanto a venda de dados tem sido efetivada, bem como os desdobramentos catastróficos em diversos países, incluindo o Brasil. Tais dados fornecem matéria prima para a detecção de tendências de comportamentos de diferentes públicos. A partir desse conhecimento subjetivo, geram-se conteúdos específicos direcionados exclusivamente a cada internauta. Exemplos amplamente divulgados foram as constantes notícias falsas propagadas por robôs e tomadas como verdade por boa parte da população. Esse processo deflagrou resultados surpreendentemente negativos da monetarização dos dados eletrônicos na esfera pública. Tais eventos nos convocam a refletir sobre a *infosfera*, outro neologismo criado pelo filósofo Luciano Floridi, que faz referência a um complexo ambiente informacional constituído por todas as entidades do campo da informação, suas propriedades, interações, processos e demais relações. No livro *A Quarta Revolução - Como a infosfera está remodelando a realidade humana* (2014), Floridi nos instiga a formular uma estrutura ética que possa tratar a infosfera como um novo ambiente digno da atenção e cuidados éticos das informações.

É provável que em um futuro próximo seja possível a organização dos arquivos dessa pesquisa em um site com hospedagem em domínio próprio. No entanto, considerarei importante assumir essa condição temporária e refletir criticamente a respeito do conteúdo produzido e compartilhado nos espaços virtuais. Os fragmentos poéticos são articulados em um circuito de elementos que ressignificam o espaço em que habito na ação de “retomada”, desdobrando-se no espaço virtual.

Ao produzir a ação e compartilhar sensações, percebo a potência de me envolver em uma heterotopia ativa, como bem pontua Foucault em Outros Espaços:

O espelho é, afinal de contas, uma utopia, uma vez que é um lugar sem lugar algum. No espelho, vejo-me ali onde não estou, num espaço irreal, virtual, que está aberto do lado de lá da superfície; estou além, ali onde não estou, sou uma sombra que me dá visibilidade de mim mesmo, que me permite ver-me ali onde sou ausente. Assim é a utopia do espelho. Mas é também uma heterotopia, uma vez que o espelho existe na realidade, e exerce um tipo de contra-ação à posição que eu ocupo. (FOUCAUL, 1967. p. 3)

Os reflexos dessa ação artística ecoam em esferas do meu cotidiano, pois assumir uma ancestralidade “bugre” tem gerado um estranhamento nas relações, pois minha aparência “branca” poderia muito bem se acomodar aos padrões já estabelecidos e não causar desconforto àqueles que de alguma forma se beneficiaram com o passado sangrento e se incomodam com políticas reparatórias como as ações afirmativas. No entanto, percebo que posicionar-me diante dos fatos gera uma zona de intensidades de vir a ser minoritário, de individuação e ser fluente que cria linhas de fuga desviantes dos padrões estabelecidos.

O artista dedicado ao teatro, Antonin Artaud, cria a expressão corpo sem órgãos com a qual propôs a subversão dos órgãos, enquanto utilidade e a sua organização, através de uma prática instaurada pelo próprio desejo, entendendo o desejo não como

uma falta de algo, mas como uma zona de intensidades para as sensações, agenciamentos que se ramificam no desejo, asseguram conexões contínuas, correspondem às ligações transversais. Frank Popper em *Arte, ação e participação* (1982), trata sobre a arte assentada em uma criatividade popular e na existência neste campo de numerosos criadores de vanguarda em várias disciplinas artísticas. O autor comenta que o Pensamento de Artaud tem a sua origem nas filosofias orientais e na Cabala, mesmo em outras formas de pensamento esotérico (O Livro dos Mortos dos Egípcios, por exemplo) e influenciaram o teatro contemporâneo, bem como a obra *Mil Platôs* de Deleuze e Guattari.

A liberdade deve se desenvolver em um presente perpétuo. O homem deve criar um mundo desprovido de laços artificiais de parentesco, obrigações sociais, clientelismo, para admitir ao seu redor apenas aqueles que não o atacam com julgamentos ou conselhos. O fim do teatro é a vida transformada em espetáculo.
(POPPER, Frank. p.69)

Percebo a Retomada Ancestral como um acontecimento de um corpo sem órgãos, que segue se refazendo, experimentando e evitando a estagnação. Um corpo que assume riscos e as infinitas possibilidades de devir em um plano de consistência virtualmente amplo. Neste curto e intenso espaço de tempo em que se dá a pesquisa de mestrado, sigo relacionando experimentações atuais com um repertório já vivenciado, bem como aponto para novas possibilidades imanentes ao processo.

Cap. 2 – Tecelãs de redes: insurgências comunitárias

Poema orgânico relacional - Ñhandu

Cultivar um pequeno jardim tem me convidado a dar atenção a um mundo "menor".

Em um singelo vaso de suculentas há a possibilidade de se criar uma mini floresta. Observo os novos amigos que venho ganhando: joaninhas, formigas passeadeiras e devoradoras, borboletas mais coloridas e diferentes pássaros. No entanto, alguns sentem-se tão bem que escolheram ficar. Foi assim com a Lurdinha, que nos acompanha há alguns meses. Ela teceu sua teia entre a aloevera e o boldo e depois entre o boldo e a guiné. Às vezes ela emenda sua teia ao varal e passa por algumas emoções de balanço (mas quem é que não passa por isso na vida?)

Desde o início admirei a beleza de Lurdinha e seu temperamento sereno, sua sensibilidade em escolher um bom lugar para viver sem invadir o espaço de ninguém. Muitas vezes recebi conselhos de que ela era venenosa, mas ponderei que isso não fazia dela uma ameaça. Lurdinha nunca escondeu quem ela é e sempre deixou claro o espaço que ocupa. Ela simplesmente escolheu viver em harmonia com a gente e todas as suas qualidades me fazem enxergá-la como parte da família. (quando voltava de viagem a procurava entre os ramos e me preocupava se passava bem).

Essa atmosfera me inspira a refletir que o fato de você ser um vertebrado, não te faz melhor que um invertebrado. Esse microcosmo também me diz que: se o mundo vegetal vai bem, temos plenas condições de reverenciar a sua riqueza e nos integrar a grande teia da vida, percebemos que somos uma parte do todo e que o todo também é uma parte de nós.

Arquivo da autora. 29/02/2020.

Este ensaio concebido no início do projeto de mestrado surgiu de uma situação em que me percebi “em diálogo” com uma aranha de jardim no pátio de minha casa. Tal evento me convidou a pensar nas distinções impostas entre o humano e a natureza pelo ponto de vista cartesiano, muitas vezes elegendo o humano como um ser “mais evoluído” seguindo a premissa: “penso, logo existo” (1637) de Descartes. Tendo a figura do homem branco heteronormativo europeu como centralizadora dos padrões do ser, a sociedade moderna empenhou-se em hierarquizar estratos da sociedade e muitas vezes a rotular comportamentos desviantes à norma, a partir da invenção da loucura e do manicômio, afastando do convívio dos “normais”, sujeitos e comportamentos indesejados. Portanto, o fato de eu relatar que “dialoguei” com outra espécie, talvez fosse motivo para internação psiquiátrica, seguindo tais preceitos, ou talvez fosse motivo para ser levada à fogueira como as bruxas, em um passado mais longínquo, mas nem tanto.

Tal distinção entre as hierarquizações das espécies são colocadas em questão com Nietzsche. A princípio quando ele sugere que “Deus está morto” em seu terceiro livro: *Gaia Ciência* (1882), diante de uma filosofia moderna humanista que concebe o sujeito como uma “sombra” de Deus. Posteriormente, em *Para além de bem e mal* (1886), o autor critica a ideia do “Eu penso”, ou seja, a ideia de sujeito racional, e propõe o modo volitivo do humano como alguém que deseja, ou seja, que pressupõe o “Eu quero”. Partindo desses paradigmas há que pensar em uma interpretação da vontade de potência que se opõe à ideia de conservação, e, portanto, de domínio. Seu trabalho conceitual é visto como um vislumbre para a alteridade que implica necessariamente certo acolhimento do outro em suas diferenças, em um devir que se constitui na ação de se relacionar.

Com a finalidade de compreender a *infoesfera* como um espaço das alteridades, acompanhei o desenvolvimento dos conceitos de alguns filósofos da diferença e mais recentemente da filósofa bióloga feminista Donna Haraway, que propôs o *Manifesto Chthuluceno* (2016) como um intenso compromisso e trabalho colaborativo entre terranos, no qual seja possível fazer florescer arranjos multiespécies ricas, que incluam as pessoas

“Meu” Chthuluceno, mesmo sobrecarregado com seus problemáticos tentáculos gregos, emaranha-se com uma miríade de temporalidades e espacialidades e uma miríade de entidades em arranjos intra-ativos, incluindo mais-que-humanos, outros-que-não-humanos, desumanos e humano-como-húmus (human-ashumus). Mesmo num texto em inglês-americano como este, Naga, Gaia, Tangaroa, Medusa, Mulher-Aranha, e todos os seus parentes, são alguns dos muitos mil nomes próprios para uma linhagem de ficção científica que Lovecraft não poderia ter imaginado ou abraçado – ou seja, teias de fabulação especulativa, feminismo especulativo, ficção científica e fatos científicos. (HARAWAY. 2016. Pag. 140)

Tomei conhecimento da obra de Donna Haraway no projeto de extensão Realismos Tentaculares (2020) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFRGS, um espaço voltado para discutirmos diversos textos de forma virtual, logo no início da pandemia de COVID-19 em 2020. A partir do *Manifesto ciborgue* (1985) a autora se apropria do termo ciborgue para simbolizar rupturas e interações entre o híbrido de máquina e organismo vivo, como fonte para se fundar uma nova política menos baseadas nas identidades dos estratos. Ela propõe que da ficção científica e da imaginação possam

emergir uma nova maneira de se relacionar politicamente, nesse sentido, rompendo com a herança marxista fortemente baseada nas identidades. Inicialmente me pareceu bastante relevante a sua abordagem e ao mesmo tempo, pulsava a pertinência em questionar a herança marxistas, predominante em algumas instituições, como “verdade” incontestável e absoluta, e que deixam a desejar no que tange à problemática de gênero e outros devires. No entanto, à medida que debatíamos as leituras, analisei criticamente a perspectiva da autora. Primeiramente, dada a conjuntura atual, as análises sociológicas marxistas ainda são urgentes e necessárias para entender como se estabelecem mecanismos de exploração do trabalho e de classes, principalmente em países subdesenvolvidos, ainda que o autor não tenha se debruçado mais profundamente sobre os processos coloniais e de gênero. Aliás Jacques Derrida, filósofo reconhecido por teorias do desconstrutivismo, lançou *Os Espectros de Marx* (1994), uma obra que contraria a ideia de que o sociólogo estivesse definitivamente enterrado sob os escombros do Muro de Berlim. Enfim, reconhecendo a relevância de sua obra, Derrida afirma que é preciso negociar com o espectro desse autor na atualidade.

Ao aprofundar em outros textos de D. Haraway, como o *Manifesto das espécies de companhia* (2013), percebi uma tendência eugenista com que a autora aborda a temática, principalmente com o exemplo da sua relação com os cães. Além disso, nesse texto, a autora declara “transgênicos não são os inimigos” (p. 5), como algo inevitável diante dos avanços científicos, sem se aprofundar ou problematizar as questões embutidas nessa prática no cotidiano do meio ambiente. O texto não é tão antigo e não é de hoje que a produção de transgênicos no âmbito da agricultura tem se mostrado como uma das maiores causas das crises ambientais no planeta em decorrência das relações estabeleci-

das por esse tipo de tecnologia. A produção de transgênicos é controlada por grandes corporações, o famoso agronegócio, e é uma das principais causadoras do desmatamento de florestas e matas nativas para darem espaço ao monocultivo interdependente de agrotóxicos.

Minha aproximação com a questão ambiental e segurança alimentar se deu através do trabalho como bolsista universitária com o Núcleo de Economia Alternativa na Faculdade de Economia da UFRGS entre os anos de 2008 e 2011 e com o qual segui como colaboradora. Nesse período conheci o trabalho do engenheiro agrônomo e florestal Sebastião Pinheiro, ambientalista e ativista de longa data e ainda atuante na área, um dos fundadores das feiras ecológicas de Porto Alegre. Nesse projeto, acompanhei o trabalho de produtores rurais vinculados aos quilombos e aos agricultores familiares, participando de mutirões de colheita e compartilhamento de saberes populares. Portanto, alguns posicionamentos da D. Haraway me soam impregnados de entusiasmo com as máquinas, a velocidade e a aceleração. Não observo, de forma alguma, apologia à cultura *Pet* em suas colocações quanto às espécies de companhia, mas uma aceitação das práticas de manipulações genéticas que têm apresentado repercussões catastróficas no que diz respeito aos registros ecosófico. Talvez as pesquisas com desenvolvimento genético não fossem problemáticas, não fosse o fato de serem geridas por grandes empresas com finalidades de atenderem demandas de mercado em países que sofrem contínuos processos de subdesenvolvimento. Minha leitura crítica é de que aparentemente a autora propõe uma integração entre espécies e máquinas como alteridade, no entanto, as metodologias das quais dispõe excluem formas de vida e de se relacionar como meio.

Considerarei importante trazer as reflexões sobre alguns conceitos da autora por

perceber que são influenciadores de tendências que se desdobram no campo social. Reconheço o fato de que refutar a perspectiva de uma pesquisadora consagrada tem o potencial de gerar divergências, debates, críticas, no entanto, mantenho meu posicionamento baseado em minhas vivências e perspectiva de leitura. Mesmo tecendo críticas contundentes, percebo a necessidade de se fazer uma aliança que realmente leve em conta as alteridades e o equilíbrio planetário. Uma aliança geradora de saúde para a humanidade somente será possível se levarmos em conta o registro dos estratos, não para manter estagnados em identidades, mas para agir como pontos de referências de devires, ou seja, nos mantermos conscientes de onde viemos para criar novas narrativas e traçar perspectivas suscetíveis a outros tantos encontros futuros.

2.1. Devires plurais

No momento atual, além do devir¹ mulher, artista e pesquisadora, também me encontro na situação de exercício da carreira educacional em escola pública. Uma característica marcante da categoria de docentes e funcionários de escolas é o fato de ser constituída massivamente por mulheres. A partir da lógica de divisão de trabalho doméstico em nossa sociedade, trabalhadoras da educação acabam assumindo a responsabilidade prioritária pelo cuidado dos filhos, e demais trabalhos que uma casa demanda, obviamente sem remuneração, sobrecarregando as atividades, adiando o en-

¹Devir é a partir das formas que temos, do sujeito que somos, dos órgãos que possuímos e das funções que cumprimos, extrair partículas entre as quais instauramos aproximações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos para nos tornar e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é processo do desejo (Deleuze; Guattari, 1980, p. 334).

gajamento de muitas a questionar lógicas predatórias do sistema e a elaborar es estratégias de resistência. Observo que, historicamente, a organização social moderna, prioritariamente, delegou os empregos remunerados nas fábricas aos homens e por consequência a tarefa de prover a família, enquanto crianças compulsoriamente deveriam ser levadas às escolas, e que o papel reprodutivo e de cuidado do lar caberia à esposa, mulher. Mesmo com a luta pioneira das feministas, que contestaram o modelo patriarcal, conquistando espaços profissionais para as mulheres, as hierarquias permanecem no inconsciente das relações de grande parte da sociedade.

Ainda que em condições adversas, algumas de nós, buscamos através da ocupação dos espaços da cidade, e nas manifestações, um lugar para dar passagem a muitas indignações. Dessa maneira, também criamos estratégias de denúncia sobre a retirada de direitos e reivindicamos melhores condições de trabalho. Acampamentos em frente ao palácio Piratini, brechós para arrecadar recursos que diminuam os impactos dos cortes de salários, caminhadas em manifestações, velhas conhecidas dos grupos de ativistas são efetivas ferramentas de controle das arbitrariedades, ainda que sejam desacreditada ou rotulada como estratégias ultrapassadas pela sociedade neoliberal.

A ação *Brechó* se deu na ocasião de muitos professores terem seus salários cortados em virtude da greve entre os anos de 2019 e 2020. Sugeri para os colegas que fizéssemos uma ação artística de denúncia pela situação emergencial do magistério estadual. Fiz uma proposta de confeccionar um *banner*, e juntamente com outros professores e funcionários de escolas, arrecadamos roupas e sapatos usados, organizamos e montamos o *Brechó* em plena Praça Central da cidade. A ação envolveu os colegas que puderam di-



Fig. 11: Ação *Brechó* junto ao CPERS Sindicato dos Professores e funcionários de escola do Rio Grande do Sul na Praça Central (Dante Alighieri) de Caxias do Sul. Arquivo da autora. Janeiro, 2020.

alugar sobre as realidades específicas e elaborar coletivamente uma estratégia para a situação de desamparo social. Além disso, atraiu a atenção das pessoas que passavam por ali, adquirindo grande parte dos itens e mais do que isso, se abriram ao diálogo sobre educação pública. Ao aprofundar estudos sobre os modos de fazer colaborativos, reencontro com estudos da colega de coletivo Chicamatafumba, Cláudia Paim, agora como pesquisadora em sua obra *Táticas de Artistas na América Latina* (2012), onde a mesma define:

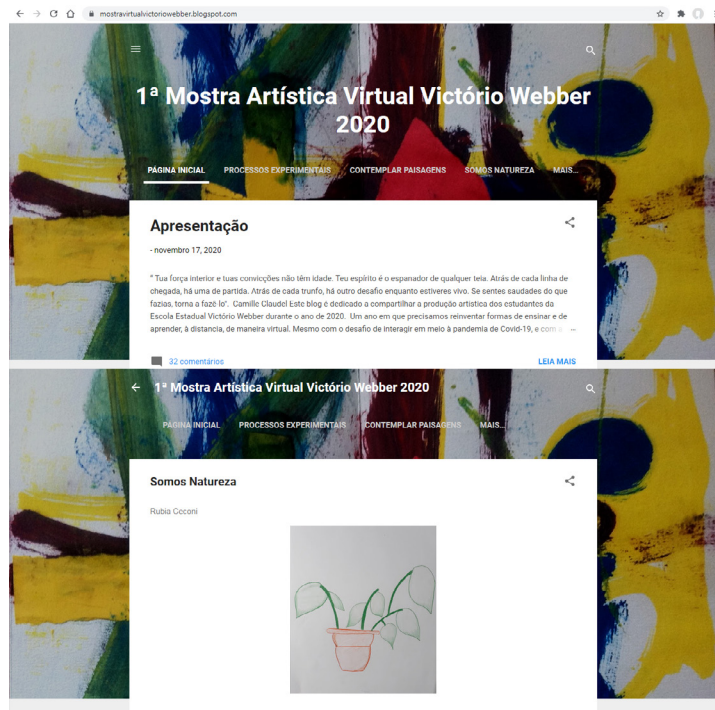
(...) os modos de fazer colaborativos, são aqueles desenvolvidos entre coletivos artísticos e outros grupos sociais ou outras formas agrupacionais, tais como associações comunitárias e grupos ativistas de diferentes matizes - políticos, ecológicos, sociais, etc. Para observar aqueles que se apresentam como artísticos, recomenda-se cautela, pois olhar estes projetos como se fosse “obras”, é insuficiente: são processuais, da ordem da experiência, da participação e com a transposição dos limites entre propositor e participante. Isto é importante por indicar uma construção compartilhada, não só da ideia motriz em si, mas da subjetividade de cada um dos integrantes e de todos os envolvidos. O artista não tem o comando, é só aquele que propicia a fagulha inicial. (PAIM, 2012. p 121)

Três meses após essa ação permeada pela interação com a cidade e as pessoas, a pandemia de COVID-19 reconfigurou a dinâmica dos corpos para o isolamento domiciliar. De uma forma ou outra, conexões profissionais, afetivas e criativas, precisaram ser adaptadas e a necessidade de refletir sobre a cidadania de forma coletiva, seguiu permeando o cotidiano das relações.

As tecnologias digitais tiveram um papel decisivo tanto para possibilitar aulas e conteúdos virtuais, quanto para propiciar encontros, debates e o que mais fosse possível criar. Minha percepção é de que muitas vezes era exaustivo permanecer por muito tempo com atenção em frente às telas, ouvi por parte dos estudantes e familiares o reconhecimento da importância do encontro presencial para a manutenção dos afetos e processos de aprendizagem. Mesmo com a distância, procurei criar atividades com que os estudantes pudessem interagir no espaço domiciliar e com os familiares, que instigasse ou desafiasse a pesquisar novas descobertas ou materialidades. Muitas vezes atendia vários estudantes em um mesmo dia por aplicativo de mensagem, o *whatsapp* e posteriormente também pela plataforma *Google Sala de Aula*, instituída pelo governo do estado através de acordo com a empresa. Esse processo foi bastante tumultuado em alguns momentos, no entanto, me surpreendi com a dedicação e bons trabalhos de muitos estudantes. De alguma forma, dar um suporte para os jovens e familiares e receber bons trabalhos me fortaleceu. Percebi que seria importante que fossem expostas as produções à comunidade escolar, para que mais pessoas conhecessem e se inspirassem em um ano tão desafiador.

Certamente, muitos estudantes não puderam estar incluídos nessa exposição, ainda que fosse aberta a possibilidade de buscar as atividades impressas na escola e entregar presencialmente. É fato que a capacidade de envolvimento é bastante dificultada pela falta de inclusão digital, pelo agravamento econômico que muitas famílias sofreram e pela atmosfera de medo, ansiedade e sofrimento mental diante dos temores pandêmicos. No entanto, considerei que era muito importante valorizar e potencializar as boas

Fig. 12: Mostra artística
Escola Victório Webber
Captura de tela do blog
mostravirtualvictoriowebber.blogspot.com
2020



iniciativas de estudantes, apresentando como alternativas e possibilidades de referência para outros momentos. Sugeri que cada estudante escolhesse até três trabalhos desenvolvidos durante o ano e escrevesse um pequeno parágrafo sobre o seu processo de criação. A partir do material recebido, fiz uma curadoria entre temas e assuntos, editei imagens e áudios, inseri vídeos, além de dispor de uma aba com os depoimentos reflexivos dos estudantes sobre os próprios trabalhos e o contexto do ensino à distância, previamente discutidos por mensagem. Como plataforma de exposição, criei um *blog* intitulado *1ª Mostra Artística Virtual Victório Webber* e deixei um período para sugestões e mudanças, para então fazermos um

lançamento oficial nas redes sociais. De um modo geral, a comunidade se sentiu valorizada com a ação e pude me aproximar mais de colegas de trabalho, já que era o meu primeiro ano nesta escola, nos encontrando poucas vezes na modalidade presencial.

Ainda nesse contexto e no início do ano de 2021, recebi o convite da professora Dr^a Claudia Zanatta para participar como colaboradora da proposta e agregar convidadas para a *Vigília Coletiva on-line de 24 horas em memória às vítimas de feminicídio em 8 de Março*. Convidei artistas ativistas do movimento feminista da cidade onde moro: Priscila Teles e Scheila Xavier, procurando fortalecer a rede de resistência local, além de colegas professoras que inseriram sua participação em horários diversificados. No mesmo horário estavam participando a professora Dr^a Paola Zordan e também a amiga, artista e colega de longa data Ana Tomimori, hoje residindo em uma zona rural próximo a Bogotá na Colômbia. Tecnicamente utilizamos um grupo de *whatsapp* para organizarmos as entradas na plataforma *Zoom*. Em tempo real a reunião era transmitida pelo canal do *YouTube*: Cidadania e Arte. Preparamos alguns textos autorais, leituras apropriadas, imagens e seguimos com uma conversa sobre processos e vivências reflexivas sobre o devir mulher e as mortes simbólicas, além das físicas, pelas quais passamos ou presenciamos cotidianamente. Como tivemos um tempo de preparação para a vigília, aproveitamos para fazermos debates, trocar experiências.

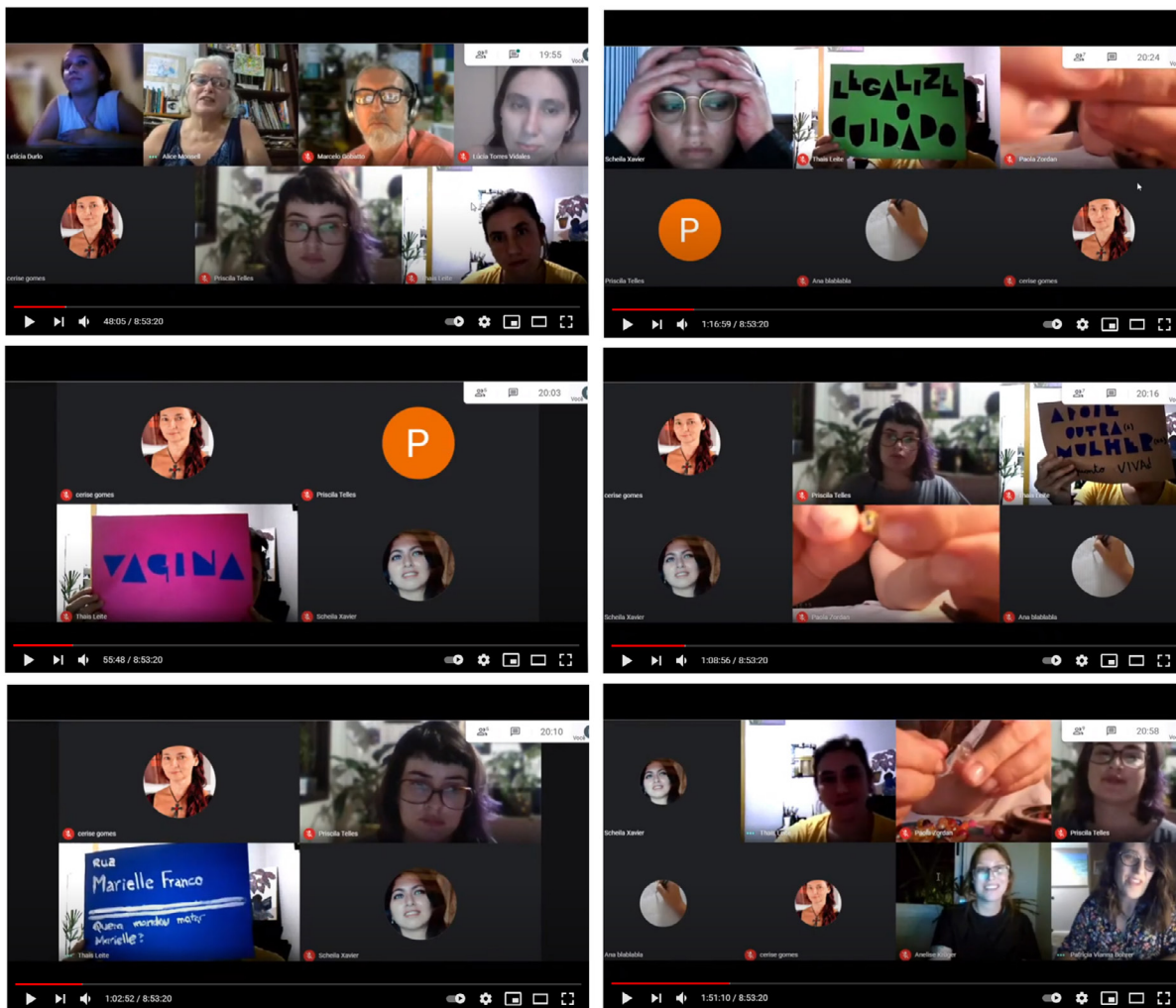


Fig. 13: Captura Vigília 8 de Março - Em memória às vítimas de feminicídio
 Transmissão disponível no canal Cidadania e Arte.
<https://www.youtube.com/channel/UCEWAjNN5mE4f8UCExB0a1ng>
 Organização: Claudia Zanatta
 Março, 2011

Também acompanhamos a participação de outras artistas, pesquisadoras, ativistas com alcance regional, nacional e internacional, que compuseram o momento com grande profundidade e delicadeza. Mesmo com as limitações físicas, a experiência foi uma imersão sensorial bastante rica, um gesto de afirmação de vida em meio a uma das ondas de COVID-19 mais agressivas do histórico da pandemia até então. Os trabalhos descritos nesse capítulo não estavam exatamente previstos ou idealizados para essa nova realidade. O fato de estar na condição de pesquisadora me aproximou de trabalhos de artistas que me inspiraram profundamente, principalmente por terem criado propostas inventivas para lidar de forma insurgente com estruturas rígidas do capitalismo e do patriarcado.

Recentemente, mais precisamente no ano de 2020, conheci o trabalho da artista Daniela Ortiz (Cuzco, 1985). O contexto se deu em decorrência do levante anti-racista que ganhou impulso nos Estados Unidos, devido ao movimento *Black Lives Matter* (Vidas negras importam), e vem se espalhando pela Europa e pelo mundo. Aqui no Brasil, o tema tem reverberado sutilmente e impulsionou as manifestações em decorrência da morte de um homem negro por seguranças, e filmadas por câmeras do hipermercado *Carrefour*. Críticas mais contundentes à herança colonial têm ocorrido a partir do meio acadêmico, um exemplo foi *webnário* intitulado *Arte e monumentos: entre o esquecimento e a memória* (2020), promovido pelo Núcleo de Investigação em História da Arte, NIHA da Universidade Federal de Goiás, em formato virtual. Daniela Ortiz, entre artistas, historiadores e pesquisadores, foi uma das convidadas. A divulgação do evento me instigou a pesquisar a respeito do seu trabalho na internet.

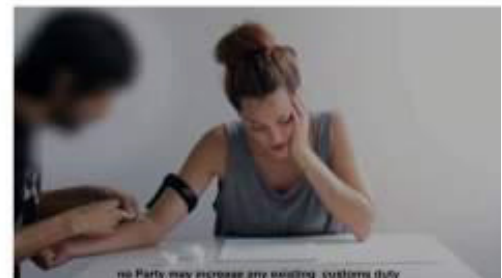
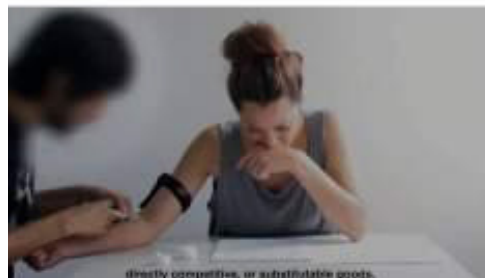
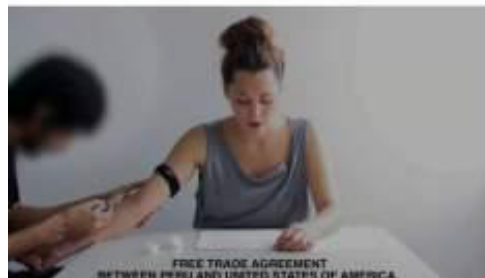
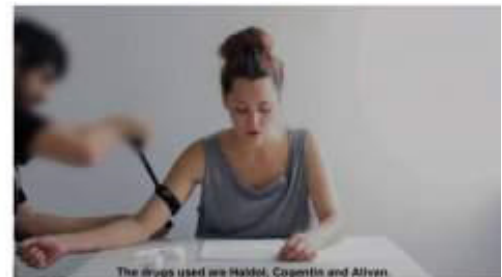
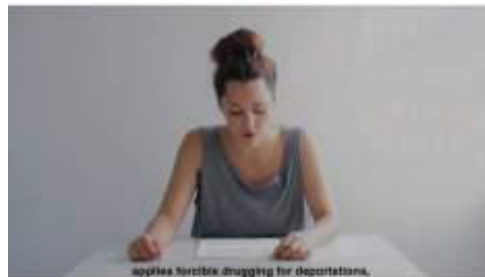
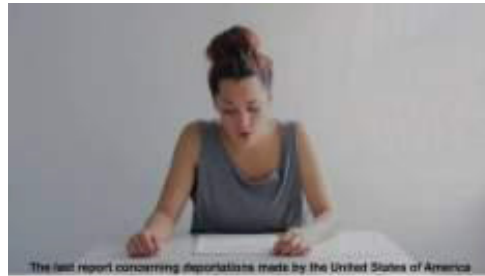


Fig. 14: FDTD
vídeo performance 5'56''
(Captura de tela)
Disponível no site da artista
daniela.ortiz.com
2012.

Na página oficial da artista estão disponíveis os conteúdos dos seus projetos. Em uma vídeo performance intitulada *FDTD* (2012), a artista lê em voz alta um relatório feito pela Agência Nacional e Controle sobre dados de deportação de peruanos nos Estado Unidos. Enquanto a artista executa a leitura, sentada em uma cadeira com uma mesa a sua frente, recebe doses de sedativos injetadas no braço, alterando sua voz e seu desempenho. Tais doses de sedativos também são aplicadas em imigrantes em processo de deportação nos EUA, mesmo sem terem diagnóstico psiquiátrico. Em outros trabalhos, Ortiz também denuncia os mecanismos pelos quais a Espanha e a União Europeia exercem violência jurídica contra imigrantes. É perceptível o caráter ativista político, anti-racista e anticolonial na maneira contundente com que ela toca nessa ferida, mesmo na condição de imigrante latina na Espanha, país onde residiu por 13 anos. Manuel Borja-Villel, Diretor do Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, relaciona a obra de Daniela Ortiz e sua crítica institucional ao sistema, com o movimento que surgiu na esteira de maio de 68 nas mãos de artistas como Hans Haacke e Marcel Brodthaers.

“Eles destacaram que o sistema não é neutro, ele esconde e determina. Eles acreditavam que havia uma verdade que precisava ser alcançada. Mas eles não podiam escapar de seu status de homens brancos ocidentais. Daniela percebe uma estrutura colonial que eles não podiam ver. Ela herda a crítica institucional, mas de fora do arcabouço ocidental, patriarcal e colonial, e é assim que, desde uma perspectiva feminista e descolonizadora, ela critica a violência da linguagem”. (VILLEL, 2020)

Mesmo com o reconhecimento, no início de Agosto de 2020, Daniela Ortiz precisou deixar a Espanha às pressas, pois foi vítima de uma campanha de insultos xenófobos e ameaças de ataques

físicos através das redes sociais privadas. Esse fato deu-se na medida em que a dimensão da sua crítica ganhou o espaço midiático mais abrangente. Em junho, a artista foi convidada a participar de um programa de TV espanhola para se manifestar sobre a demolição de monumentos públicos que exaltam o racismo e o colonialismo. Coerente com sua ação e produção, a artista defendeu a destruição do monumento a Colombo em Barcelona, justificando que o mesmo é um exemplo simbólico que serve à manutenção do racismo institucional. A artista relata que já está habituada a receber insultos e ameaças nas redes, mas após as últimas repercussões, foram divulgados dados pessoais privados, impossíveis de serem acessadas sem o alcance a certas instituições. Além disso, ela constatou que postagens em redes sociais foram excluídas simplesmente por ter declarado: “Abaixo os monumentos coloniais. Viva a resistência anti-racista”, recebendo advertências de suspensão de conta por motivo de incitação à violência.

Diante das repercussões desse acontecimento, novamente retomo as reflexões de Suely Rolnik, que em uma entrevista concedida à revista do Instituto Humanitas Unisinos, sobre o livro *Esferas da Insurreição*, aborda a necessidade de descolonizar e desneoliberalizar o inconsciente. A autora explica que a cada regime, a cada contexto histórico, a cada tipo de sociedade corresponde um modo de funcionamento da subjetividade. É a subjetividade que dá a consistência a esse regime e que o funcionamento deste, é político e será a base existencial de um sistema epistemológico, histórico, cultural. Nesse caso a autora chama a atenção para a necessidade de se trabalhar em diferentes níveis no que tange a distribuição de direitos dentro desse sistema quando essa forma de existência está sufocando a vida.

ao que nomeia micropolítica:

(...) a micropolítica não é a política da experiência fora do sujeito. É a experiência entre uma forma de existência e o que está para nascer, que transforma essa forma de existência. A vida tem que encontrar outros corpos onde estar, onde se corporizar.

A palavra-ação gestada por mulheres é decisiva nesta dissertação, pois emerge de uma experiência de “estar no mundo” marcada pelo embate com obstáculos, os quais identifiquei em minha própria história. No texto dedicado à minha participação na vigília de 8 de Março, assim escrevi:

E quando vive uma mulher?

A memória às vítimas de feminicídio mobiliza em mim a percepção de um conjunto de fatores anteriores ao cruel ato irreversível. Perceber-se “mulher” já poderia ser profundamente problematizado em diferentes circunstâncias. No entanto, antes mesmo de dar conta de tantas possibilidades, existem várias pré-definições de como “deveríamos ser”.

Não atender a certas expectativas, desencadearam em mim, ao longo da vida, frustrações e inquietações por não entender como lidar com essas emoções. À medida que alcanço leituras, discussões ou simplesmente diálogos entre amigas, tomo consciência das estruturas simbólicas que mantêm hierarquias centradas no patriarcado.

Falo a partir da minha perspectiva particular, pois é o primeiro terreno sensorial a

testemunhar muitas versões “silenciadas”, “violentadas” e “subtraídas”. Por outro lado, encontro outras em mim despertando e gritando por uma realidade diferente, um horizonte coletivo de acolhimento e aceitação.

Em Caxias do Sul, durante o ano de 2019, Ana da Silva Correa, 81 anos, Tailine Correa, 22 anos, Ariana Victoria Godoy Figuera, 24 anos, Ereni dos Santos, 42 anos, Nayara Medeiros de Mello, 20 anos, foram mortas dentro de suas próprias casas, atacadas por pessoas com quem se relacionavam intimamente¹. (...) Lamentavelmente, elas já não podem mais transmitir a singularidade de suas presenças. Em 2020, com a ocorrência da pandemia e isolamento social, tivemos notícias do agravamento de violências direcionadas às mulheres em nossa cidade: sejam elas físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais ou morais. Reconhecendo suas histórias, sinto a necessidade de questionar o fardo individual e o julgamento que tais eventos repercutem. Percebo que temos a nossa parcela na reprodução de algumas estruturas sociais de opressão e é urgente trabalhar essas fragilidades. Algumas luzes apontam para o reconhecimento de potencialidades a serem partilhadas desdobrando-se em constantes insurgências... multiplicando-se em sororidade. Para além de sobrevivente, reivindico o risco de viver

¹ LOPES, Leonardo. Quatro dos cinco feminicídios registrados em Caxias neste ano estão esclarecidos e com autor preso. Violência contra a mulher. Jornal Pioneiro. 13/12/2019. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/policia/noticia/2019/12/quatro-dos-cinco-femicidios-registrados-em-caxias-neste-ano-estao-esclarecidos-e-com-autor-preso-11891570.html>>

Cap. 3 - Presente e Futuros possíveis com a tecnodiversidade

Experiências como as citadas no capítulo anterior, tem me convocado a refletir profundamente sobre minha interação com grupos profissionais e com o meio social nas configurações estabelecidas pelos meios digitais. Mais do que lidar com os desafios do presente, percebo a necessidade em sonhar rumos que integrem múltiplas formas de vida que incluam o humano, visto que o antropoceno tem se apresentado como uma realidade muito próxima diante das respostas do ecossistema pelas ações humanas. Durante essa pesquisa, tive a oportunidade de entrar em contato com as ideias do filósofo já citado nessa pesquisa Yuk Hui. E pretendo aprofundar nesse capítulo, o tema da tecnodiversidade, lançado por ele, como ferramenta para lidar com o desafio da iminência do antropoceno.

Na conferência intitulada *Por que a tecnodiversidade é necessária?* (2020) transmitida pelo canal do *YouTube* da instituição *LaCasa Encendida* (Centro cultural de Valência – ES), Yuk explica que a globalização foi um processo de colonização e sincronização tecnológica que fez convergir diferentes temporalidades históricas em um único eixo definido pela sequência que precederam e sucederam a modernidade. Observa-se no mundo globalizado que há uma racionalidade que é objetiva e universal que norteia a corrida entre países desenvolvidos no sentido da singularização tecnológica, situação em que as máquinas e a inteligência artificial atingem a autoconsciência em um nível mais profundo, substituindo, ainda mais as capacidades humanas de trabalho, em

síntese, tornando o humano obsoleto e “inútil” na perspectiva do mercado. O autor problematiza o aspecto aceleracionista do desenvolvimento tecnológico e como alternativa, propõe um olhar para as cosmotécnicas, conceito que trabalharei ao longo do capítulo, desenvolvidas por diferentes civilizações ao longo da história da humanidade, no sentido de imaginar a viabilidade de um desenvolvimento científico, sem que necessariamente exclua o humano. Hui pontua que o discurso universal da tecnologia, a partir da filosofia, antropologia e história deve ser questionado e confrontado com a construção de diferentes histórias da tecnologia.

Como método para problematizar a universalidade da tecnologia, o autor lança mão da antinomia que consiste em analisar duas perspectivas: a tese e a antítese. Quando se confrontam esses dois pólos, surgem contradições, tensões, incompatibilidades e contra resoluções. O autor cita como exemplo a tese de que a tecnologia é um conceito universal antropológico formulado por estudos filosóficos a partir observação da externalização da memória e da liberação de alguns órgãos do corpo humano em forma de ferramentas e equipamentos. Como se pode verificar esse fato em quase todas as civilizações, tal formulação é considerada universal. A antítese a essa tese, consiste na contrariedade da universalidade tecnológica, mais precisamente, na suposição de que diferentes tecnologias se encontram habilitadas e restritas por cosmologias particulares que vão além de suas funcionalidades e usos.

Na própria escrita desenvolvida por diferentes civilizações, encontram-se relações distintas entre humanos e não humanos e como estes se compreendem. Por

exemplo, a escrita chinesa, país de origem de Yuk, é baseada em pictogramas indicando a relação entre seres diferentes, enquanto a escrita ocidental é baseada na fonética.

Na China, tecnologias diferentes também podem ser verificadas na medicina, baseada na sua cosmologia milenar e incompatível com a medicina ocidental. Tais exemplos demonstram a dimensão universal, como categorias médicas, mas também particular das tecnologias, pois não é possível comparar ou classificar as duas medicinas como superior ou inferior. Cada qual parte de uma origem cosmológica diferente. Nesse caso, o que o autor verifica são diferentes epistemologias e ontologias na maneira de encarar a tecnologia. Hui chama a atenção para focar na antítese da antinomia para rearticular a tecnodiversidade, apropriando-se e reapropriando-se das tecnologias modernas, dando a elas uma nova direção.

Durante o ano de 2021, um fato que me ocorreu foi bastante relevante para confrontar as tecnodiversidades. Em uma consulta de rotina à médica ginecologista em minha cidade, e através de exames de ultrassom, soube da ocorrência de um protuberante cisto no ovário. A indicação dessa médica orientada pela medicina ocidental moderna era de urgência cirúrgica, ainda que não sentisse qualquer alteração em meu ciclo ovulatório ou dores no corpo. Como a intervenção cirúrgica pareceu precipitada para a ocasião em que hospitais estavam lotados de pacientes infectadas pela COVID-19, resolvi buscar uma segunda opinião no serviço público de saúde (também orientado pela medicina tradicional ocidental). Acabei fazendo algumas pesquisas independentes na internet, em sites científicos e também conversando com outras

mulheres sobre o assunto. Muitas colegas e amigas próximas também estão experienciando ou já experienciaram a síndrome dos ovários polissísticos (SOP), algumas recorreram ao tratamento cirúrgico, outras ao tratamento com hormônios sintéticos. Na passagem pela segunda opinião médica, foi recomendado o tratamento com hormônios sintéticos, caso não houvesse redução no tamanho, então seria feita a cirurgia. Além dos meios tradicionais, também conversei com uma amiga enfermeira e estudiosa das terapias naturais do ciclo feminino, que me indicou outra amiga sua ainda mais especializada no assunto da SOP. Acabei optando por este tipo de tratamento por encarar com mais ênfase as causas dos transtornos hormonais através de mudanças nos hábitos alimentares, inserindo atividades físicas direcionadas para o equilíbrio hormonal como o yoga e reduzindo as taxas de inflamação corporal com o uso do canabidiol, substância que aos poucos vem sendo reconhecida por seus usos terapêuticos na medicina ocidental. Além disso fiz uso de diversas terapias integrativas, fortalecendo uma rede de mulheres que trabalham com essas práticas. Algumas dessas terapias foram viabilizadas pelo uso da internet, que de certa forma, vem favorecendo a integração de outras visões cosmológicas no que tange à tecnologia médica. Certamente, não descartaria a possibilidade de fazer uso dos métodos modernos ocidentais, caso as terapias integrativas não sejam suficientes para o tratamento.

Além desse fato particular que afeta diretamente a fisiologia corporal, é possível abordar as tecnodiversidades em outros contextos cotidianos. Yuk Hui evoca a filosofia de Heidegger no sentido de criar novos enquadramentos para as tecnologias, chamando a atenção para uma abordagem que parta dos seus antecedentes, recursos culturais

e históricos. Mais do que o eixo histórico, o autor chama a atenção para uma abordagem ontológica e epistemológica diversificada. Ele exemplifica com a dinâmicas das redes sociais, por exemplo, atualmente observamos a hegemonia da empresa *Facebook* na liderança do ramo das redes sociais com algumas restrições em alguns países. O próprio Yuk trabalhou em projetos de criação de redes sociais alternativas como a *Lorea* na Espanha e ainda cita exemplos como a *WeChat* na China e a *Vkontakte* na Rússia. No contexto Chinês, mais especificamente, discute-se sobre falta de “privacidade”, tendo em vista um maior processo de normalização por parte do estado sobre os fluxos de dados. Por outro lado, no ocidente, as chamadas *big techs* como *Google*, *Facebook*, *Apple* e *Amazon* ultrapassam a capacidade da administração estatal. Como já comentei em capítulos anteriores, tais empresas tem colocado em questão o próprio poder do Estado a partir do âmbito da *infoesfera*. Tendo em vista essas duas realidades, o problema em lidar com as grandes corporações, para além da questão da manipulação de dados, tem sido a falta de alternativas substanciais às redes consagradas. É fato que as empresas paralelas se diferenciam apenas no que tange ao princípio da propriedade e não em termos de funcionamento ou de suas suposições epistemológicas e ontológicas. Todas se baseiam nos conceitos de sociometria propostos por Levy Moreno, que postula cada indivíduo como um átomo social e a sociedade como uma soma de átomos sociais. Portanto, a partir dessa perspectiva, uma relação social implicaria uma linha entre dois pontos e, conseqüentemente, uma rede social poderia ser entendida como o desenho de uma linha entre os átomos. Yuk, no entanto, percebe que do ponto de vista filosófico e antropológico estas suposições são problemáticas, visto que a percepção da noção de sociedade começou a surgir a partir de indícios de grupos em que os participantes com-

partilham um modo de vida fundamentado em linguagem, tradições, valores morais, normas, território e outros fatores que geram uma ideia de pertencimento e não a partir da concepção de indivíduos isolados. Yuk ainda retoma a crítica que Simondon faz à teoria de Moreno, expondo que não é possível separar a noção do indivíduo sem levar em conta o coletivo ao qual pertence. Portanto, segundo essa perspectiva, ao invés de o indivíduo ser considerado a unidade básica das redes sociais, deveria ser levada em conta a dinâmica de grupos já estabelecidos e a criação de ferramentas que potencializasse o fortalecimento dos mesmos.

No que diz respeito à linguagem considere importante retomar o paradigma indígena na perspectiva Tupi Guarani, como forma de reviver a cosmologia intrínseca de povos ameríndios, resgatando uma sabedoria da minha ancestralidade que tem sofrido apagamento ao longo da modernidade. No livro *Cosmovisão Tupi – Guarani e a Antroposofia* de Heloísa Oliveira baseado nos livros *Tupã Tenondé* e *Terra dos Mil Povos*, de Kaka Werá Jecupé consta que:

Toda palavra possui um espírito. Um nome é uma alma provida de um assento. É uma vida entoada em uma forma. Vida é o espírito em movimento. Espírito é silêncio e som. O silêncio-som tem um ritmo, um tom, cujo corpo é a cor. Quando o espírito é entoado, passa a ser, ou seja, possui um tom. Tudo que existe entoa. Pedra, planta, animal, homem, céu, terra. As vidas assim acontecem. Grandes entidades da natureza cuidam da harmonia da forma para compor tudo que entoa. São os arquitetos, escultores, pintores, engenheiros, músicos e operários da criação, dirigidos por divindades anciãs, os Nanderus e pela própria Mãe-Terra que por sua vez são dirigidos pelos anciãos da raça, os mais antigos antepassados que se tornaram estrelas. (OLIVEIRA, 2012. p. 5)

Não apenas a linguagem, mas a maneira de vivenciá-la e transformá-la em ação são partes de estudo ético, estético. Tal movimento convoca a tensionar uma vivência intensa em sensibilidade e questionadora dos automatismos do momento presente.

3.1. Do silêncio à paLavra: desdobramentos cosmotécnicos

Segundo o professor Mário Ramão Villalva Filho do Programa de pós Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAN/ USP), a nação Guarani, originária da América do Sul, ao longo dos contínuos ataques sofridos durante os processos de colonização, teve o seu território dividido com a instituição dos vários países que se formaram no decorrer da sua história, compreende regiões encontradas tanto no norte da Argentina (Províncias de Misiones, Corrientes, Formosa, Jujui e Salta), como na região do Chaco boliviano e no sul do Brasil, especialmente no Mato Grosso do Sul, no Paraná, nas aldeias indígenas do litoral Atlântico (estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo), e em todo território paraguaio. Os Guaranis são diversos, assemelham-se em aspectos fundamentais de sua cultura e organização sociopolítica, mas se diferenciam no que diz respeito à fala da língua, práticas religiosas e tecnologias aplicadas na relação com o meio ambiente. Portanto, atualmente, a língua Tupi-guarani em suas distintas variações regionais ainda vive em todos esses países e vem se adaptando à contemporaneidade, com a utilização das ferramentas necessárias que a fazem cada vez mais viva por meio da adoção da escrita

e de sua incursão no mundo das novas tecnologias. Em cada país, os seus falantes adotaram uma grafia e hoje temos várias formas de escrever e de interpretar a língua, porém, ela continua sendo única em sua estrutura gramatical e na maioria dos seus vocábulos, assim como são as outras línguas modernas.

O programa Povos Indígenas do Brasil reúne em um portal virtual do Instituto socioambiental, documentos do do CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e diversas informações a respeito de diferentes etnias indígenas resistentes no país. Segundo o portal virtual, a conformação desse trabalho remonta ao início dos anos 70. No auge da ditadura militar, o lançamento do Plano de Integração Nacional pelo governo brasileiro implicou a implantação de projetos econômicos e estradas na Amazônia, a *Transamazônica*, assolando territórios de povos indígenas ainda isolados da sociedade nacional. Naquela época, a situação dos índios era desconhecida por parte da opinião pública, do Estado implementador de políticas públicas e da própria antropologia, cujos especialistas dispunham de informações desatualizadas, parciais e desiguais sobre um arco reduzido de povos indígenas da Amazônia. Nesse contexto, diversos colaboradores: pesquisadores, indigenistas, missionários, índios, médicos, jornalistas, fotógrafos, reuniram-se para visibilizar a permanência desses povos e apoiar seus projetos de resistência.

A partir desse portal é possível conhecer dados oficiais sobre as populações indígenas, além de suas políticas e direitos. Sites produzidos e geridos por organizações e indivíduos indígenas que representam boa parte dos povos situados em território nacional brasileiro também são divulgados no portal.

A meu ver, o portal reúne informações importantes, está bem organizado configurando uma ferramenta de extrema pertinência para potencializar mecanismos de manutenção de direitos, permanência desses povos e das formas de se relacionarem com o meio. No entanto, percebo que mais do que saber sobre as especificidades de cada grupo étnico, é necessário vivenciar a sabedoria de nossos ancestrais no sentido de buscar o bem viver (yvy tekoá). Portanto, proponho uma prática como forma de evocar a presença dessas sabedorias, buscando na língua uma cosmotécnica. A performance Retomada Ancestral que aponta para o litoral Atlântico encontra sincroniscidade com os movimentos de grupos Mbya, dentre os Guaranis, que vêm ocupando com continuidade esses territórios.

Aliás, em Abril do ano de 2015, enquanto residente em saúde mental coletiva, pude participar de uma vivência na comunidade Mbyá da TekoáPindó Mirim (Terra Indígena de Itapuã) na Semana com a Cultura Guarani-Mbyá disponibilizada pelo Museu da UFRGS. A atividade teve como objetivo permitir o acesso à cultura e tradições. Juntamente com colegas da residência, participei de atividades de integração como: pinturas corporais, algumas danças e cantos tradicionais. O cacique nos contou sobre o fato de terem sido retirados de outras terras e realocados, pelo governo, nessas novas terras bastante degradadas e pouco produtivas para a agricultura, conseqüentemente, não conseguiam produzir o suficiente para manter a comunidade. Por esse motivo, procuram complementar suas rendas através da venda de artesanatos como cestarias, adereços e esculturas em madeira. Também contam com a doação de cestas básicas e contribuições de visitantes. De modo geral, a comunicação era feita exclusivamente através do cacique,

visto que, culturalmente, Guaranis são mais recolhidos em seu povoado. Ao longo da história, o contato com pessoas de fora (juruá) não tem sido uma boa experiência para eles. Nas grandes cidades, mulheres Guaranis circulam com suas crianças e costumam estender tecidos nas calçadas, vendendo artesanatos, chás (Macela é bem recorrente) e mudas de plantas (como orquídeas olho-de-boneca). Não é habitual que se comuniquem para além da ação da troca. Na realidade, de acordo com o cacique, os Guaranis prefeririam viver à sua maneira, sem entrar em contato com outras culturas, no entanto, os problemas sociais, também incentivaram a buscar parcerias que pudessem colaborar com a resistência do seu povo e seu modo de viver.

No início do ano de 2019, lembro das notícias de ataques violentos à comunidades Mbya Guarani da Ponta do Arado. Segundo o relato da comunidade ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), durante a madrugada, homens com os rostos cobertos atiraram e ameaçaram os Guaranis, afirmando que, se não deixassem a área em poucos dias, seriam todos mortos. A retomada da Ponta do Arado fica no bairro Belém Novo, na zona sul de Porto Alegre, às margens do rio Guaíba, numa região de preservação ambiental que é, também, um importante sítio arqueológico do povo Guarani. A área é alvo de forte especulação imobiliária, e os indígenas já receberam outras ameaças de segurança da empresa que pretendia construir um grande condomínio no local¹. Lembro que esse episódio me mobilizou bastante, tanto que suspendi temporariamente o veraneio no litoral norte para me somar às mobilizações indígenas que denunciavam tal fato e clamavam

¹ MIOTTO, Tiago. Comunidade Guarani Mbya da Ponta do Arado é atacada a tiros em Porto Alegre. Portal do Conselho Missionário Indigenista. 11/01/2019 <<https://cimi.org.br/2019/01/comunidade-guarani-mbya-da-ponta-do-arado-e-atacada-a-tiros-em-porto-alegre-rs/>> Acesso em 13/01/2019

em defesa da segurança dos povos, mais vulneráveis desde as reverberações do “golpe” até a eleição de um líder anti-democrático e contra o marco temporal, como já citado nesse documento. Em reportagem, o CIMI - Conselho Indigenista Missionário avaliou com muita preocupação tal fato. Segundo o cacique, “os agressores afirmaram que, com o novo governo, eles têm agora poder de polícia para defender as propriedades. Então, há um estímulo no âmbito da política para que esse tipo de ação se desenvolva”, por Liebgott. E de fato, verificamos que os ataques às comunidades indígenas e florestas se intensificaram por todo país. Com a ocorrência da pandemia, como cidadãos, assistimos às notícias angustiantes no âmbito do meio ambiente e invasão de terras indígenas, sem poder sair às ruas para manifestar indignação, procurar soluções coletivas ou compartilhar inquietações. Portanto, a situação territorial tem sido uma questão constante no cotidiano desses povos.

Além do motivo comum – a busca da terra sem mal (yvy marãey), o modo como os grupos familiares traçam sua história através das caminhadas, recriando e recuperando sua tradição num ‘novo’ lugar, faz com que sejam portadores de uma experiência de vida e de sobrevivência também comuns (Ladeira,1992).

A maneira que encontrei para enfrentar esses dias de recolhimento e ainda elaborar, de forma inicialmente individual, foi fazer uso do vocabulário Guarani, como estratégia para me aproximar cosmologicamente dessa ancestralidade e demarcar, mesmo que simbolicamente alguns territórios próximos. Seguem algumas imagens desse trabalho que se encontra em processo inicial:



Fig. 15: gwyrá
smartografía digitalizada
2021



Fig. 16: Tatá
smartografía digitalizada
2021



Fig. 17: Tekoá
smartografía digitalizada
2021



Fig. 18: Ykarai
smartografia digitalizada
2021

Considerações Finais

Ao observar meu percurso no processo de pesquisa nesses poucos mais de dois anos em que a humanidade global enfrentou uma das mais graves crises sanitárias e ambientais da história mundial, em uma conjuntura sociopolítica de muitos escândalos institucionais e desrespeito à vida, percebo o quanto me manter na atitude de pesquisadora, artista, educadora e ativista política tem me fortalecido para resistir, encontrar parceiros e visualizar um caminho para um desenvolvimento que tenha como princípio a integridade da vida refletida em suas inúmeras formas físicas e subjetivas.

Percebo que minhas motivações autobiográficas formaram um eixo importante para debater questões de pesquisa, pois é partir da perspectiva da experiência sensível de executar pequenas ações diárias, em direção ao que idealizo, que o trabalho vêm ganhando corpo e sentido. Em meu percurso anterior a essa pesquisa, também fez parte, durante um bom tempo, a produção de vídeos e instalações com projeções. Ao longo das experiências, visualizei os meios digitais como ferramentas que contribuem para a produção de afetos nas construções poéticas. Aliás, durante o isolamento social, projeções de *vídeo mapping* em prédios em diversas cidades, foram veículos importantes para expressar inquietações, gerando formas de comungar ideias e produzir ativismo. Cheguei a fazer pequenos cursos para esse tipo de trabalho durante o projeto de pesquisa, no entanto, nesse momento, precisei dedicar mais tempo ao trabalho com educação e talvez mergulhar nas profundezas da história de minha ancestralidade. Tais escolhas determina-

ram uma estética *Low Tech*, ou seja uma tecnologia simples, vinculada aos conceitos trabalhados. Meu objetivo não é minimizar a consistência de produções que utilizam uma tecnologia considerada *High-Tech*, ou alta tecnologia, bem pelo contrário, sou favorável à tendência de que tais ferramentas sejam cada vez mais acessíveis e democratizadas. No entanto, é fato que ainda vigora no mundo uma lógica de obsolescência programada, geradora de um ansioso comportamento de consumo e descarte desses produtos, restritos a uma pequena parcela da população mundial com poder de compra e gerando lucros a uma fração ainda menor de pessoas.

Reabitar compulsoriamente de forma contínua o território do meu nascimento, já que estava habituada a me deslocar para outras cidades semanalmente antes da pandemia, colocou-me situação de olhar com profundidade para as pessoas da minha família, para nossas histórias e a multiplicidade de versões. Certa vez, ainda na minha infância, minha avó sonhou que eu escreveria um livro com nossas histórias. Às vezes fico imaginando o quanto ela fazia isso muito bem, envolvendo muitas pessoas com a sua oratória, enquanto me sentia uma menina tímida e assustada. Diversas vezes recorri à arte e às imagens para expressar o que não conseguia colocar em palavras. Mais recentemente “dar aulas de arte” para estudantes de escolas públicas, como fui um dia, me confrontou a encontrar com a contadora de histórias que habita em mim, e a gostar de fazer isso.

Esses dois anos foram intensos no que tange à reconfiguração das relações, atualizadas com a percepção das substância das palavras ao entoá-las. No contexto de finalização dessa etapa, percebo que minha essência nômade se encontra em estado de

inquietação por desterritorialização, também amplificada pela flexibilização do isolamento social, tendo em vista a eficácia das vacinas e novas oportunidades em terras mais distantes. Além disso, o aprofundamento nas teorias e a pesquisa de dados antropológicos me instigam a buscar vivências outras, andanças em que parentes se façam no caminhar das ideias. Intuo a partir da sabedoria do meu corpo que o percurso segue a direção dos passáros migratórios com destino aos litorais, onde a presença solar se intensifica. Levo comigo o desejo de seguir pesquisando, aprendendo e ensinando, poetizando persistentemente em fluxo com a sabedoria dos meus antepassados em confluência com o novo que revigora a potência do que está para nascer.

Referências:

BEER, David; GANE, Nicholas. **New Media: The Key Concepts**. New York, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

DELEUZE, Gilles. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**, film de Pierre-André Boutang, Paris: Éditions du Montparnasse, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____ **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

FLORIDI, Luciano. **The Fourth Revolution: How the Infosphere is Reshaping Human Reality**. Oxford University press. New York, 2014.

_____ **The Onlife Manifesto: Being human in a hiprconnected era**. Oxford University press. New York, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Of other spaces**. *Diacrities*, v.16, no.1. Baltimore, 1986.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

HUI, Yuk; **Tecnodiversidade**. Trad. Humberto Amaral. São Paulo. Ubu Editora. 2020.

KASTRUP, Virgínea. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 1999.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: Palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK; Aílton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

LADEIRA, Maria Inês Martins. Aldeias livres Guarani do litoral de São Paulo e da periferia da capital. In: MONTEIRO, John Manuel et al (Orgs.). **Índios no estado de São Paulo**: resistência e transfiguração. São Paulo : Yankatu ; CPI, 1984. p. 123-44.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: Uma Introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador-BA: Ed EDUFBA, 2012.

PAIM, Cláudia Teixeira. **Táticas de artistas na América Latina**: : coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados. Porto Alegre. Editora Panorama crítico, 2012.

POPPER, Frank. **Arte, acción y participación**: El artista y la creatividad de hoy. London: The MIT Press, 2007.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo, n-1 Edições, 2018.

TIBLE, Jean. **Marx indígena, preto, feminista, operário, camponês, cigano, palestino, trans. Selvagem**. Série Pandemia. São Paulo: n-1 edições. 2019.

Documentos Eletrônicos:

CRAGNOLINI, Mônica B. Proposições nietzschianas para pensar a questão animal. Cadernos Nietzsche 39. Abril de 2018. Scielo Brasil. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/cniet/a/hjk6F5gLdjVZV7tdzN4p7gM/?lang=pt>> Acesso em 31/08/2021

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Revista Clima Com Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte | Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016. Disponível em <https://realismostentacularesart.files.wordpress.com/2020/02/manifesto_chthuluceno_fazendo_parentes.pdf> Acesso em 09/09/2020>

_____. Manifesto das espécies de companhia: cães, pessoas e a outridade significativa. Trad. Sandra Michelli da Costa Gomes. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003. Disponível em <https://realismostentacularesart.files.wordpress.com/2020/02/manifesto_das_especies_de_companhia.pdf> Acesso em 09/09/2020

HUI, Yuk. Em Yuk Hui, uma Filosofia da Tecnodiversidade. Outras palavras. 11 fev. 2021. Disponível em <<https://outraspalavras.net/descolonizacoes/conhecer-yuk-hui-filosofo-da-tecnodiversidade/>> Acesso em 30/08/2021.

LAGROU; Els. Nisun - a vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus. Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social. Disponível em <<https://jornalistaslivres.org/nisun-a-vinganca-do-povo-morcego-e-o-que-ele-pode-nos-ensinar-sobre-o-novo-coronavirus/>> Acesso em (23/05/2020). Acesso em 14/04/2020.

LEMOS, Ronaldo. Conceito de tecnologia deve ser pensado à luz da diversidade, diz filósofo chinês (Yuk Hui). Folha de São Paulo. São Paulo. 30 de Janeiro de 2021. Entrevista concedida ao colunista da Folha. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/01/conceito-de-tecnologia-deve-ser-pensado-a-luz-da-diversidade-diz-filosofo-chines.shtml>> Acesso em 02/09/2021.

HUI, Yuk. Cosmotécnica como cosmopolítica. e-flux journal, Novembro de 2017 Disponível em <<https://www.e-flux.com/journal/86/161887/cosmotecnics-as-cosmopolitics/>> Acesso em 08/09/2020

LOPES, Leonardo. Quatro dos cinco feminicídios registrados em Caxias neste ano estão esclarecidos e com autor preso. Violência contra a mulher. Jornal Pioneiro. 13/12/2019. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/policia/noticia/2019/12/quatro-dos-cinco-femicidios-registrados-em-caxias-neste-ano-estao-esclarecidos-e-com-autor-preso-11891570.html>> Acesso em 15/01/ 2021

MIOTTO, Tiago. Comunidade Guarani Mbya da Ponta do Arado é atacada a tiros em Porto Alegre. Portal do Conselho Missionário Indigenista. 11/01/2019 <<https://cimi.org.br/2019/01/comunidade-guarani-mbya-da-ponta-do-arado-e-atacada-a-tiros-em-porto-alegre-rs/>> Acesso em 13/01/2019

SANTOS, Milton. Elogio da lentidão. São Paulo: Folha de São Paulo, 11 de março de 2001. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200109>> Acesso em 02/07/2021

POLANCOS, Aurora Fernández; PRADEL, Antonio. A hora da micropolítica: Entrevista com Suely Rolnyk. Versão reescrita de trechos da entrevista originalmente publicada pela revista Re-visiones (# Cinco – Madrid, 2015): <http://www.re-visiones.net/spip.php%3farticle128.html>” Junho de 2016. Goethe Institute, 2018 < <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html>> Acesso em 05/08/2019

WIRTZ, Fernando. Yuk Hui e a pergunta pela Cosmotécnica. 16 Jul 2020. Código e Fronteira. traduzido por Wagner Fernandes de Azevedo. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602804-yuk-hui-e-a-pergunta-pela-cosmotecnica>> Acesso em 02/09/2021

Vídeos:

A Revolta Sem Corpo: uma conversa com Vladimir Safatle. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-BwaL0FFzgzk&t=43s> Acesso em 04/06/2020.

ARTAUD - Pour en finir avec le jugement de Dieu < <https://www.youtube.com/watch?v=qJDgWywHLtw>> Acesso em 10/07/2021.

Como funciona o liberalismo e o neoliberalismo? O Gabinete, com Rita Von Huntz Carta Capital. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DVxELxHN7Y>. Acesso em 04/12/2019.

Curso de Introdução ao pensamento de Deleuze e Guattari com Carlos Cardoso
1- Rizoma. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=N3tgYozEHrI&t=336s>.
Acesso em 07/07/2020.

06 - Como criar para si um Corpo sem Órgãos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aYotBF2F6sA>. Acesso em 09/02/2021

Daniela Ortiz (Artista): Vandalizar, atacar, tumbar. Los monumentos coloniales en las resistencias antirracistas. Arte e Monumentos: entre o esquecimento e a memória Núcleo de Investigação em Histórias da Arte – NIHA. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8UgJrVI2ipl&t=49s>. Acesso em 29/06/2020

Sites de artistas:

Daniela Ortiz <<https://daniela-ortiz.com/>> Acesso em 02/03/2020

Paulo Nazareth <<http://artecontemporanealtda.blogspot.com/>> Acesso em 20/09/2019

Oendu Mendonça <<https://oendu.com/>> Acesso em 02/08/2020

Victor Martinez México Líquido – 2002. Disponível em <http://www.vicmardi.com/L-M/>
Acesso em 02/09/2015

Sites institucionais:

Conselho Indigenista Missionário - CIMI < <https://cimi.org.br/>> Acesso em 12/01/2018

Povos Indígenas no Brasil - Instituto socioambiental <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal> Acesso em 09/08/2021.

Publicações do Programa de Pós-graduação Integração La América Latina da Universidade de São Paulo PROLAM/ USP < <https://sites.usp.br/prolam/>> Acesso em 09/08/2021.

